

Evaristo Lima & C.ª, Lda.
FERRAGENS - FERRAMENTAS - MAT. CONSTRUÇÃO

APOIAMOS MAIS ESTA INICIATIVA EM PROL DO DESENVOLVIMENTO DA NOSSA TERRA

Av. Luís de Camões, 14 - 9600-563 Ribeira Grande
Telefs. 296 470 160 / 7 - Fax 296 470 165
e-mail: evlima@mail.telepac.pt

Perfil Costa Leite



E. Manuel

PÁG. 9

Lembranças de ribeiras



Ferreira Moreno

PÁG. 11

Bombeiros Novo quartel em 2004



Destaques

PÁG. 11

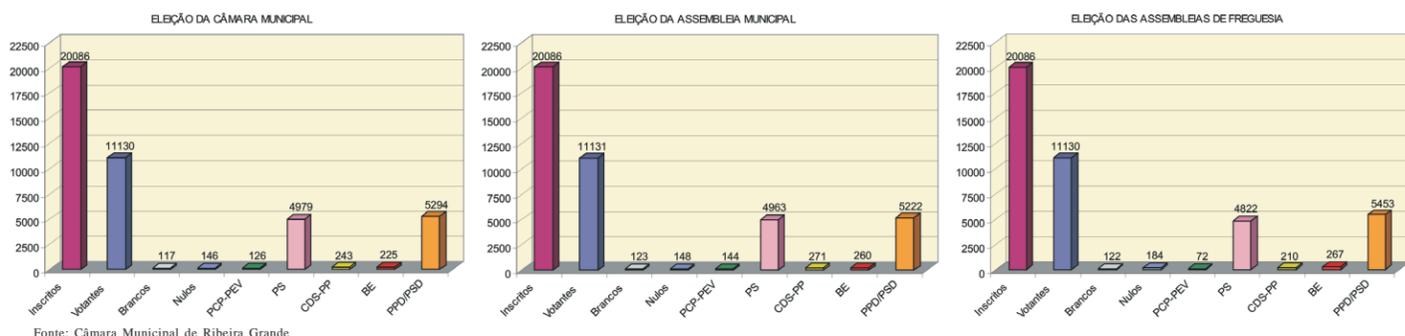
Arqueologia Os ossos do Convento de Jesus



Eugénia Cunha e Cláudia Umbelino

PÁG. III

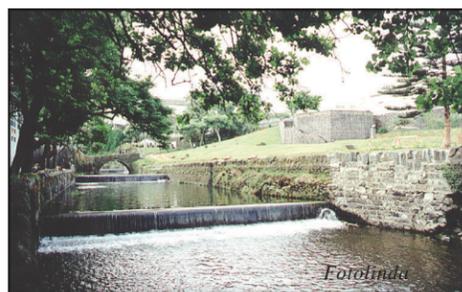
Autárquicas 2001



Se o Partido Socialista (PS) pode vir a comandar os destinos do Concelho de Ribeira Grande, já que tem o maior número de Juntas de Freguesia, lidera a Assembleia Municipal, e esteve à beira de ganhar a Câmara Municipal, isso não significa que, na sua maioria, tenha os ribeiragrandenses do seu lado, já que, em termos globais, observem-se os gráficos, foi o Partido Social Democrata (PSD) quem venceu as últimas Eleições Autárquicas e em todas as frentes: para a Assembleia Municipal, Câmara Municipal e Assembleias de Freguesia. Hermano Aguiar, António Pedro Costa, Luís Noronha e Pedro Paulo Silva comentam os resultados eleitorais.

PÁG. 5 e 10

Pensar a sério o património



O desenvolvimento de uma comunidade também deverá ter presente a preservação do seu património, seja ele edifícios, paisagens ou até mesmo tradições. O Professor Doutor Coutinho Gouveia, na segunda parte dos 'Diálogos', relembra a importância do património natural e edificado, coisa que a Cidade de Ribeira Grande bem precisa de cuidar. Porém, com o intuito de alargar o debate ao Concelho, *A Estrela Oriental* convidou um conjunto de cidadãos, das freguesias da Maia, Porto Formoso, Matriz, Conceição, Ribeira Seca, Santa Bárbara e Pico Pedra, a dizerem de sua justiça sobre a situação actual do património ribeiragrandense, onde não se esqueceu o caso da demolição da 'casa seiscentista', ali bem no coração da Cidade. As opiniões são surpreendentes. Devemos reconhecer que o cidadão também é sábio!

Mário Moura / Hermano Teodoro

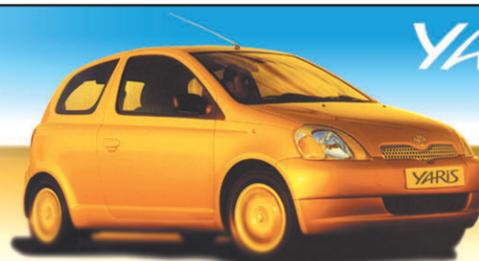
PÁG. 3, 6 e 7



TOYOTA



RUI & GASTÃO, LDA.
Praceta da Pranchinha, N.º 20
Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919
9500 Ponta Delgada



YARIS

Crie a sua história

Editorial

oliveiramoura@mail.pt

Duas razões para sermos *enteados*: fracasso de candidatura ao programa Polis

Deixem-me ver se percebo. Excepção feita às Cidades portuguesas elevadas pela UNESCO à categoria de *Património Mundial*, onde se inclui a **no**ssa Cidade de Angra do Heroísmo, só eram admissíveis ao *Polis*, um programa do Governo da República destinado à requalificação urbana, algo que a **no**ssa Ribeira Grande, como *carroçaria e estaleiro do motor de desenvolvimento Regional*, Ponta Delgada, bem carece, Municípios do Continente Português. Num eventual segundo programa, não se sabendo exactamente quando, agora que o Governo chefiado por António Guterres se demitiu, talvez só lá para as *calendas gregas*, haverá algo equivalente aplicável às Regiões Autónomas. Assim, Angra do Heroísmo, por direito e mérito, foi contemplada e as Cidades do Funchal e de Ribeira Grande, que entretanto se candidatarão, não reunindo esses critérios básicos de elegibilidade, seriam excluídas. Até aqui percebo. Todavia, o Funchal, não sendo nem Cidade *Património Mundial* nem Cidade do Continente português, foi contemplada e a Cidade de Ribeira Grande, nas mesmas condições, não. Agora já não percebo. Vou tentar perceber: pela voz de António Pedro Rebelo Costa, que como Presidente da Autarquia a candidatou ao referido *Polis*, aos microfones da Rádio Atlântida, ficamos a saber que o sucesso da candidatura do Funchal se teria devido ao empenho pessoal do Dr. Alberto João Jardim, Presidente do Governo Regional da Madeira, e que o insucesso da Ribeira Grande se terá eventualmente devido à falta de empenho pessoal de Carlos Manuel Martins do Vale César, Presidente do Governo Regional dos Açores.

Por seu turno, no comício de encerramento da campanha do PS, no Largo Dr. Gaspar Frutuoso, na Cidade de Ribeira Grande, na sexta-feira anterior ao Domingo eleitoral, este último, afirmou, não textualmente, que o Governo Regional teria tido muito gosto em se empenhar na causa se a Autarquia o tivesse solicitado. Continuo a não perceber, suponho que os meus leitores também não. Ora, não obstante estas afirmações, as de António Pedro Costa e de Carlos César, terem sido proferidas no contexto e no calor de uma luta eleitoral que se adivinhava renhida, como veio a suceder, o PSD ganhou quatro Vereadores e o PS três, mas o PS conquistou a possibilidade de liderar a Assembleia Municipal e a maioria das Juntas de Freguesia, caso inédito na geografia eleitoral concelhia, ocorrem-me duas perguntas:

1- Precisarão o Governo Regional, na pessoa de Carlos César, de quem Alberto João Jardim, em entrevista recente ao *Expresso das 9*, disse ser tão ou mais Autonomista

do que ele, e a Câmara Municipal, na pessoa de António Pedro, a quem se reconhece vontade de mudança, faça-se-lhe esta justiça, de pedido ou de licença mútuas para cooperarem na obtenção de financiamentos para uma *Cidade da Região Autónoma dos Açores*?

2- Por que razão, nenhuma das habituais 'figuras de proa' da defesa acérrima e intransigente dos direitos dos açorianos, tão prontas a reagir à mínima ameaça contra a honra e os **no**ssos **direitos**, apesar do humilhante puxão de orelhas dado a um Presidente de Câmara açoriano por um Ministro de António Guterres e da perda de recursos não negligenciáveis, veio 'a terreiro' defender esta *causa de uma das cinco Cidades Açorianas*?

Como possível resposta, o leitor provavelmente arranjará outras, surgem-me duas novas perguntas:

1- Será porque as inimizades pessoais e as considerações político-partidárias se sobrepõem ao bem-comum? Os do PS culpam os do PSD de inércia e estes últimos os primeiros de falta de cooperação? Se assim for, que estranha Autonomia esta, não acham?

2- Será porque as *causas* da Ribeira Grande não são consideradas *causas* Regionais, serão quanto muito ou pretensões 'bairristas' ou megalomanias pessoais, ao invés das das demais Cidades açorianas, essas, sim, inequívocas causas de *Valor e de Interesse Regional*. Se assim for, que estranha Autonomia esta, não acham?

Seja como for, a Região e a Autarquia perderam uma oportunidade ímpar de dar *cara, coração e instrumentos* de Cidade a mais uma Cidade da Região com vontade inquebrantável em ajudá-la, mas a ficar sem paciência de tanto esperar pela concretização de falsas promessas.

Seja como for ainda, ao recorrerem a pretextos que se assemelham a razões e a razões que se confundem com pretextos para justificarem a sua inação, na prática, dão a impressão de que não desejam mais um pólo de desenvolvimento capaz de ajudar a Região, esbanjando assim um apoio valioso.

Meus senhores, ponham-se de acordo e não hipotéquem o futuro dos Açores. Só assim perceberia. A continuar assim, meus senhores, arriscam-se a surpresas desagradáveis.

7.ª Arte

Forúm de Cinema (2.ª Parte)



O Cine Teatro RibeiraGrandense foi palco para o arranque do Fórum de Cinema de 2001. Aí tiveram lugar as suas sessões mais importantes, com os discursos habituais, e outros alusivos aos filmes vistos ou a ver. Aí passou uma réstea de "cultura cinematográfica", que durante o curto espaço de um fim de semana, alongado por um feriado que o precedeu, mas que mesmo assim soube a pouco para essas coisas das fitas, trouxe à população da cidade nortenha da ilha do Archanjo uma amostra do que de melhor nos deu a 7.ª arte. E aí acorreu um público interessado, que soube corresponder às propostas que lhe foram feitas, reagindo com entusiasmo a alguns dos mais importantes filmes desta mostra que a Cinemateca nos trouxe. Foram três as temáticas que ocuparam esse fim de semana de honra no Teatro RibeiraGrandense. Em primeiro lugar esteve Paulo Rocha, a personalidade homenageada neste Fórum. A sua presença em carne e osso no Fórum, juntamente com Bénard da Costa, foi uma enriquecedora mais valia na sessão de abertura, ajudando com a sua simplicidade e modo coloquial de comunicar a melhor perspectivar os dois filmes com que marcou presença neste evento, *Verdes Anos*, a sua primeira obra, e, de acordo com a maioria dos historiadores do cinema português, o pontapé de saída do "cinema novo" (1) em Portugal, e *A Raiz do Coração*, o seu último filme, assim como o percurso que os medeia. Depois, e para além deste peso pesado do cinema português, tivemos outros dois pesos pesados do cinema mundial, o francês Jean Renoir através do seu magnífico *A Regra*

do Jogo e o norte americano John Ford com *As Vinhas da Ira*.

Falar da simplicidade honesta de *Os Verdes Anos*, ou do barroquismo pesado de *A Raiz do Coração*, que me arranca visões tão díspares como Visconti em *Os Malditos*, Terry Gilliam em *Munschhausen*, com alguma mistura de *La Cage aux Folles* e *Cabaret* (2), não é fácil. Até porque pelo meio fica todo um percurso que eu, como qualquer espectador provinciano que se preze neste país, desconheço, pois o cinema português continua a ser, apesar de algumas louváveis e cada vez mais frequentes excepções, um segredo bem guardado que os portugueses não devem conhecer. Por isso tomarei o atalho mais curto para *A Regra do Jogo*, que, acreditem ou não, me irá conduzir às *Vinhas da Ira*.

A Regra do Jogo é um dos filmes chave da História do Cinema. Aqui Renoir retoma a tradição do plano sequência, tão magnificamente utilizado por Louis de Feuillade nas primeiras séries (3) da História do Cinema, ainda na década de 10, como *Fantômas*, *Judex* ou *Les Vampires*, a que novas e mais rápidas emulsões surgidas na década de 30 permitiam agora adicionar uma maior profundidade de campo. Mas essa ressurreição de uma estética cinematográfica assente na "mise-en-scène", após mais de duas décadas dominadas por estilos assentes na técnica da montagem, estabelecida por David Griffith (4), teorizada pela Escola da Montagem Soviética (5) encabeçada por Sergei Eisenstein, e canonizada pelo Hollywood Classical Style (6), não significou um mero regresso ao passado, pois enquanto Feuillade compunha em profundidade construindo verdadeiros "tableaux" que muito deviam a George Méliès (7), e com a movimentação a ocorrer dentro do espaço do enquadramento, a câmara de Renoir movimenta-se quase constantemente, revelando continuamente novos espaços e novos enquadramentos ao espectador, onde se desenrola uma acção cujo ritmo narrativo parece sincronizado com a movimentação dinâmica, por vezes quase vertiginosa da câmara

Essa concepção de uma câmara dinâmica, em conjugação com a técnica do "long take deep focus" (plano sequência e profundidade de campo), é hoje usada e por vezes abusada até à banalização em muitos dos filmes e séries televisivas que vemos. Mas em 1939 isso era terreno novo, que Jean Renoir soube desbravar com mão de mestre. Um terreno novo que passa despercebido dos espectadores e da maioria da crítica, demasiado ocupados com a temática do filme, uma comédia de costumes que eleva o género a novos limites, descamando a moral então vigente e a estrutura social da época de uma forma leve, divertida e absolutamente subversiva, que por um lado grangeou o repúdio do grande público, enquanto pelo outro foi fazendo engrossar ao longo dos anos umas crescentes fileiras de defensores, liderados inicialmente por André Bazin (8). Um terreno novo que no entanto não passa despercebido a Orson Welles. Em 1941 *Citizen Kane* estreia a técnica do "long take deep focus" no cinema americano. Mas tal como acontecera com *La Règle du Jeu* é a temática da narrativa que atrai todas as atenções, e que deita o filme por terra na bilheteira (9).

A influência particular de *La Règle du Jeu* e do realismo poético francês de que Renoir é um dos expoentes, não é a única que se faz sentir no primeiro filme de Welles. O "chia-



rosuro" do expressionismo e do "kammerspielfilm" alemão também marcam presença e a influência de John Ford é igualmente acentuada. Aliás é o próprio Welles que nos conta ter visionado *Stagecoach* quarenta vezes como forma de preparação para a realização de Kane. Mas isso a nós não nos interessa agora, pois embora *Stagecoach* seja um excelente filme, *The Grapes of Wrath* (*As Vinhas da Ira*) são neste momento o pedacinho do universo fordiano que nos interessa (10). Mas mesmo esse terá que esperar por um próximo número, pois os filmes de

Ford são daqueles que requerem um tratamento mais exclusivo (11).

(1) *Verdes Anos* é de 63, década em que na esteira da "nouvelle vague" francesa surgem vários movimentos nacionais de renovação cinematográfica como o nosso "cinema novo", como já referi no número anterior.

(2) A confusa cacofonia dessas associações é da exclusiva responsabilidade do autor deste texto.

(3) A concepção de série, hoje utilizada em televisão, tem a sua origem nos filmes de série que começam nessa altura.

(4) David Wark Griffith, importante realizador americano do início do cinema é o verdadeiro pai da montagem como elemento gramatical da linguagem do cinema, da qual foi um dos importantes construtores. Foi também tristemente controverso pelo seu racismo, tendo o seu filme *The Birth of a Nation* (*ONascimento de uma Nação*), inicialmente titulado *The Klan's Men* (*Os Homens do Clã*), contribuído para a propagação do "Ku Klux Klan" na América do séc. XX.

(5) Uma escola de cinema que nasce com a revolução soviética na Rússia e que esteticamente privilegia a montagem como ferramenta narrativa. Inspirando-se inicialmente no trabalho de Griffith, os realizadores desta escola elevaram o uso da montagem a um nível impensado, e construíram à sua volta a primeira teoria do cinema.

(6) Estilo de realização que dominou o cinema americano dos anos 30, que privilegiava uma montagem de continuidade, também chamada invisível, e a pouca profundidade de campo ("shallow focus") como elementos estilísticos da narrativa cinematográfica.

(7) George Méliès foi o primeiro produtor e realizador da História do Cinema e o pai do cinema narrativo.

(8) Costa, João Bénard da, "*La Règle du Jeu*, Um Filme de Jean Renoir", in *Fórum de Cinema 2001 - A Cinemateca nos Açores*, Direcção Regional da Cultura, p. 26. André Bazin foi um importante crítico francês, fundador dos *Cahiers du Cinéma* e inspirador do movimento da "nouvelle vague".

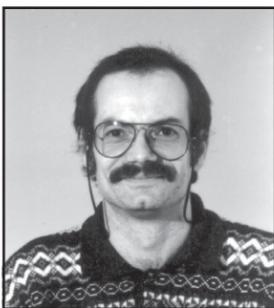
(9) Não era para menos. O filme traça uma biografia mal disfarçada e pouco abonatória da vida de William Randolph Hearst, o barão da imprensa americana na altura, que move uma guerra feroz ao filme, ainda antes da sua estreia.

(10) Eu bem vos disse que *A Regra do Jogo* nos conduziria às *Vinhas da Ira*. Claro que foi preciso meter o Orson Welles ao barulho, mas lá chegamos.

(11) Os filmes de Renoir também o merecem. Mas a associação Ford/Steinbeck dará um texto demasiado longo, que necessitará de um número em exclusivo.

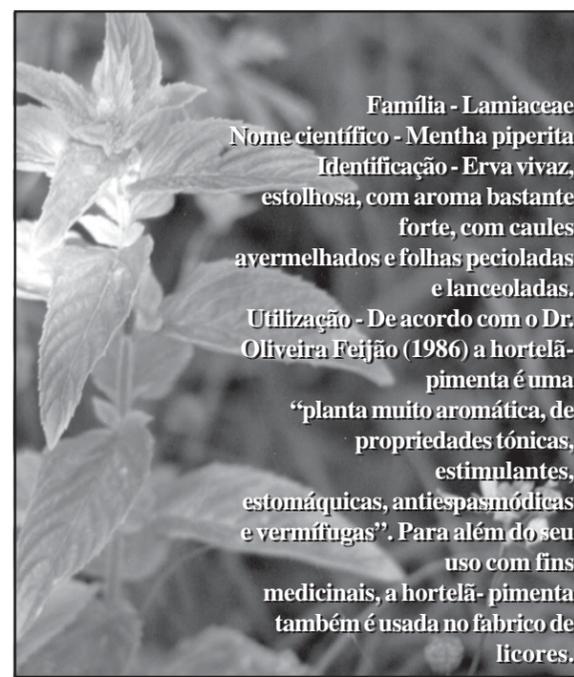
Plantas Usadas na Medicina Popular (8)

Hortelã-Pimenta



O médico Acúrcio Garcia Ramos, na sua obra "Notícia do Archipelago dos Açores e do que há mais importante na sua História Natural", publicada em 1871, já falava na utilização da hortelã-pimenta na confecção de pastilhas "tão conhecidas e usadas" e, em 1894, Cândido Abranches referia-se ao uso da hortelã-

-pimenta "em licor ou em chá para expelir o ar do estômago". Por seu turno, na década de cinquenta, do século passado, o Eng.º Silvano Pereira mencionava o uso das suas folhas como estimulante da digestão. Nos nossos dias, a hortelã-pimenta continua a ser usada com fins medicinais. Contudo, dos 127 inquéritos que fizemos, em 1992, no concelho da Ribeira Grande, apenas um, recolhido na Ribeirinha, refere o seu uso no combate à tosse.



Família - Lamiaceae
Nome científico - *Mentha piperita*
Identificação - Erva vivaz, estolhosa, com aroma bastante forte, com caules avermelhados e folhas pecioladas e lanceoladas.
Utilização - De acordo com o Dr. Oliveira Feijão (1986) a hortelã-pimenta é uma "planta muito aromática, de propriedades tónicas, estimulantes, estomáquicas, antiespasmódicas e vermífugas". Para além do seu uso com fins medicinais, a hortelã-pimenta também é usada no fabrico de licores.

Ficha Técnica:

Jornal Mensal

Director: Oliveira Moura

Director-adjunto: Melo Teodoro

Colaboradores: António Valdemar, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Fátima Borges, Fernando Silva, João Teixeira, Luís Noronha, Nelson Tavares, Onésimo de Almeida, Pe. António Rocha, Pe. Edmundo Pacheco, Pedro Câmara Pereira, Teófilo de Braga, João Miguel Fernandes Jorge

Propriedade:



Cooperativa Mãe d'Água, C.R.L.
Sede: Centro Cultural de R. Grande

Publicidade: Luís Faria

Contacto: 919020517

Paginação: Francisco Veloso

Tratamento de Texto: Marília Dias, Carlos Arruda

Contribuinte N.º 512 060 398

Número de Registo: 123813

Apartado 6, 9600 Ribeira Grande

Correio electrónico: estrelaoriental@portugalmail.pt

Telm. 963560639

Depósito Legal N.º: 166371/01

Impressão: Coingra

Parque Industrial de R. Grande

Tiragem 1500 exemplares

Diálogos: parte II

Mário Moura / Hermano Teodoro

A Ribeira Grande precisa de se expandir, criar novos espaços urbanizáveis, voltar-se para o mar e identificar-se como capital cultural de São Miguel. O Centro Histórico da Ribeira Grande, de valor arquitectónico reconhecido, irá merecer o nosso empenho na sua preservação, bem como o Jardim do Paraíso. A Biblioteca Municipal e o Museu da Emigração serão concretizados nos próximos quatro anos.

Presidente da Câmara Municipal de Ribeira Grande, excerto do *Discurso* proferido no dia da tomada de posse do novo elenco camarário.

Mais investimento no Património: como influenciar decisores

MM: Suponha que sou um decisor, tenho os cordões da bolsa, e que não tenho muita sensibilidade para a importância dos aspectos patrimoniais. Estou aberto a ser convencido, como é que me convencia a ser generoso nos investimentos no património?

CG: A questão não é fácil, e afim de responder podia convidá-lo a fazer uma espécie de exercício de imaginação e procurar antever aquilo que seria a Cidade da Ribeira Grande com a Casa da Freira aberta ao público, a ampliação do Museu já concluída e o projecto de musealização dos testemunhos da moagem, situados em pleno Centro da Cidade, igualmente em funcionamento. Creio que se nós conseguíssemos, e não será preciso fazer para isso um esforço muito grande, antever a Ribeira Grande com todas estas novas beneficiações a acrescentar àquelas que têm sido concluídas, caso do Teatro e do Centro Cultural, não será difícil antever a Ribeira Grande com um outro potencial em termos do contexto açoriano e em termos de capacidade de polarização de visitantes. Penso que hoje em dia é visível um aumento do número daqueles que vêm aos Açores e naturalmente que a Ribeira Grande querera captar a sua quota-parte, ou seja a percentagem adequada desse incremento de visitantes. Permitia-me só fazer aqui também uma chamada de atenção: naturalmente que o desenvolvimento destes projectos requer algumas infra-estruturas, e a necessidade de existência dessas infra-estruturas julgo que permite colocar muito claramente um problema, que talvez se perfilhe até como uma questão



prioritária, e que é o da ampliação da actual Casa da Cultura ou Museu da Ribeira Grande. Teremos de ter o potencial humano, e teremos que ter também as infra-estruturas de apoio adequadas, porque o programa em vista é já um programa com alguma dimensão e com as consequentes exigências.

Natureza humanizada e implicações orçamentais

MM: É uma boa maneira de convencer as pessoas de que todos ficam a ganhar, que são recursos a explorar no bom sentido. Isto vem a entroncar numa outra questão: quando se fala nos Açores, a propaganda turística que tem sido bem sucedida, é ver as revistas da especialidade, sobretudo para a classe média, média alta, o perfil do turista bastante exigente, é a seguinte: Açores um destino da natureza. Então o slogan que diz que são ilhas de natureza intacta. Fala-se pouco dos aspectos culturais, ou seja, vende-se a imagem dos Açores pela sua natureza,

pelos seus aspectos da paisagem e dissocia-se da paisagem, que é humanizada, os aspectos culturais. O que poderá parecer, quanto a mim, à primeira vista uma simples nuance, traz implicações em termos orçamentais, até em termos de atitude da administração pública Regional e Local. Há na Região, por exemplo, um Conselho de Concertação Social, e dele fazem parte somente elementos representativos das associações ambientais, excluindo-se dele representantes da área patrimonial. Quer comentar ou pelo menos falar acerca disso?

CG: Esta distinção que nós habitualmente fazemos entre uma componente do património, que muitas vezes qualificamos como cultural, e outra que designamos por natural, é uma distinção que introduz uma barreira artificial que penso que devia ter desaparecido há muito. Pretendo com isso significar que terá de haver – e penso que nos Açores, por algumas observações que lhe ouvi fazer, tal será fundamental – uma muito maior interligação, um muito maior diálogo entre a componente do

património que se situa no domínio da paisagem, da conservação dos ecossistemas, ou seja no fundo toda aquela componente da museologia que está ligada aos parques, às reservas, ou à ecomuseologia e aquela outra que terá no plano artístico o seu expoente mais evidente.

Os testemunhos de um património ‘não tocado’ ou ‘não intervencionado pelo homem’ só se conseguem conservar hoje em dia porque são sustentados pela cultura. Não se tornava possível manter os escassíssimos testemunhos – no nosso país são escassíssimos, noutros países serão eventualmente um pouco mais dilatados – daquela paisagem ou daquela cobertura vegetal que traduz de alguma maneira essa anterioridade em relação à intervenção humana senão devido à existência de infra-estruturas culturais que asseguram a sua preservação. Mas voltemos um pouco ainda à questão do diálogo. Penso de facto que esse será provavelmente um ponto forte da realidade açoriana, querendo dizer com isso que é maior aqui essa possibilidade de conjugação entre valores em que a paisagem

tem uma maior presença e valores em que se foi afirmando progressivamente uma maior presença de testemunhos do património construído. Permite-me talvez insistir nesse aspecto, que é o de que esse diálogo, essa interligação, talvez possa ser reforçada no caso dos Açores em termos de um maior contacto, de uma maior troca de ideias entre os organismos tutelares de um sector e de outro. Porque como digo, e volto a insistir nesse ponto, a separação que em grande parte persiste afigura-se-me de facto artificial. **MM:** E pouco produtiva.

Património e imagem Velha da Cidade

MM: A imagem que as pessoas mais novas têm, ao contrário da que o professor reteve de quando chegou à Ribeira Grande, de certos edifícios emblemáticos e que gostou imenso, é a imagem de uma Cidade Velha, apertada, cinzenta. Ocorre-lhes à mente quase sempre um modelo de desenvolvimento em que há que construir como vêem aquilo que foi construído em Lisboa, em Algarve, na Madeira, etc. Eu pedia para me ajudar, mais uma vez, a explicar a esta ‘malta nova’, que nós podemos ter uma ‘Cidade requalificada Antiga’ sem ser ‘Velha’. Tal como: Estrasburgo, Bruges, etc., sendo extremamente moderna, alegre, aberta, colorida. E uma última questão: como é possível requalificar as margens da ribeira sem ter em conta a musealização dos moinhos?

CG: Ou até, adoptando uma perspectiva um pouco mais ampla, que essa requalificação terá

que passar pela realidade patrimonial e pela reconversão e processamento dos valores patrimoniais aí existentes. Claro que isto é um campo onde me movimento menos à vontade, mas nesse aspecto tenho uma experiência de alguma maneira pessoal, dado ser natural de Coimbra. E se Coimbra é uma cidade com uma importância patrimonial inegável, é também uma cidade que cresceu acumulando muitos problemas. Hoje a vida em Coimbra é, nalguns aspectos, uma vida de menor qualidade, exactamente porque não foram atempadamente detectados esses problemas e oportunamente pensadas as soluções necessárias para que tivessem sido ultrapassados. Poder-se-á sublinhar esse aspecto no caso de Coimbra, que naturalmente se poderá generalizar a outras cidades, e que é o de que se desperdiçou aí, em grande parte, um notabilíssimo património, nomeadamente em termos monumentais, tendo isso ocorrido já no século agora findo.

MM: É possível ter uma Cidade Velha, no sentido de Antiga, mas não Velha em termos de funcionalidade?

CG: Perfeitamente possível. Aliás são essas as cidades mais agradáveis. Ainda há pouco mais de um ano tive ocasião de passar alguns dias, cerca de uma semana em Utreque, que é uma cidade com amplas possibilidades de resposta em termos de hábitos de vivência – aquisição de livros, locais para almoçar, jantar, diversão – e que é também uma cidade em que a carga patrimonial e a presença dos séculos assumem uma significativa presença.

Azálea Florista
 Rua de S. Francisco, 53 Tel: 296 473 499
 9600 Ribeira Grande Fax: 296 473 399

SAPATARIA LIMA
 R. Gonçalo Bezerra, 37 9600 - RIBEIRA GRANDE Tel: 296 472 732

casa & objectos
 Ribeiragrاندense
 Abertos ao sábado
AÇORES

Vieiras, L^{DA}
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
 ALVARÁS e ORÇAMENTOS
IVL
 Telef.: 296 472 111 · 296 472 238 · 296 490 150
 Fax: 296 491 732
 9600 RIBEIRA GRANDE

Maria de Deus

RESIDENCIAL
RIBEIRA GRANDE
RESTAURANTE-SNACK-BAR-CAFETARIA

Cherne na telha
Espetada de espadarte c/ gambas
Rojões com ananás grelhado no espeto
Bife à Residêncial

R. dos Condes da Ribeira Grande
Tel.: 296 473 488 | Fax: 296 473 878 | TLM: 917 889 858

Stand de Vendas
Revendedores de material
Kodak, Konica, Fuji e
Polaroide

R. EL-REI D. CARLOS I-22
RIBEIRA GRANDE
296472224
S. MIGUEL - AÇORES
9600-555 TELM. : 918 711 100

Com a sua imaginação e a nossa capacidade damos forma à qualidade

Somos pioneiros na serração de basaltos

Britas e Sarriscas

Areias

Aluguer de máquinas e camiões

JOSÉ DÂMASO E FILHAS LDA.

A. Machado
Na Compra e Venda de Propriedades quem decide é VOCÊ

296 30 26 50

REFª 917 - CASA
Lomba da Maia
Total do terreno: 160 m2
Implantação do prédio: 60 m2
Quintal: 100 m2

Construída num só piso composto por hall de entrada, sala de estar, quarto de cama, cozinha, quarto de banho, terraço com excelente vista panorâmica sobre o mar e quintal.

Preço: 89 783,62 Euros
18.000.000\$00 Esc

A Mediação Imobiliária **A NÍVEL MUNDIAL**:

Regional: WWW.AMACHADO.PT
Nacional: WWW.APEMI.PT
Internacional: WWW.FIABCI.COM

REFª 1278 - VIVENDA
Porto Formoso
Constituída no r/chão por dois quartos, cozinha grande com forno tradicional, quarto de banho, quintal com anexo e terraço.
1º andar com terraço.

Preço: 41 150,83 Euros
8.250.000\$00 Esc

Rua do Provedor, 11 - 9500-236 Ponta Delgada
Fax. 296 30 26 59 - INFO@AMACHADO.PT

TALHO E SALSICHARIA

IDEAL

PROMOÇÕES DE ABERTURA
Chouriço da Ribeira Grande
Carne de porco e vaca
Diversidade de enchidos

Autárquicas 2001



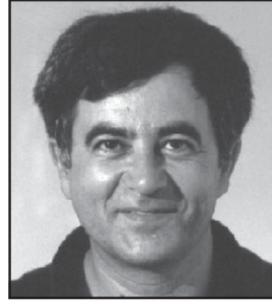
Juntos construiremos um futuro melhor

Terminou a campanha eleitoral e com ela as eleições dos Órgãos Autárquicos. Depois de uma

contenda com mais ou menos fofosidade, algum exagero de linguagem e muita emoção, devemos agora ter a capacidade para de forma elevada e sensata trabalhar pelo nosso Concelho. As Instituições Autárquicas devem estar prontas para prosseguirem com o seu mandato de gestão pública, tendo sempre em conta o interesse colectivo e a concretização das aspirações da população. O povo é soberano e sabe sempre muito bem escolher os seus representantes. Por isso, temos que aceitar o veredicto popular. Na política e em democracia

ganha quem tiver mais um voto. Dou, por isso os meus parabéns aos vencedores e estou seguro que os vencidos foram dignos adversários. Todos de mãos dadas devem contribuir com o seu entusiasmo e o seu empenhamento para fazermos o melhor pela nossa terra. Agora, com um novo mandato na Câmara Municipal, legitimados como estamos, deveremos avançar serena e determinadamente no desenvolvimento e progresso do nosso Concelho.

António Pedro Costa



Eleições autárquicas na Ribeira Grande
As confirmações e as surpresas

Os resultados das eleições no Concelho da Ribeira Grande confirmaram algumas previsões, mas também houve algumas surpresas.

A primeira confirmação foi a da **disputa renhida** para a eleição da Câmara Municipal. Esta eleição polarizou-se entre o PSD e o PS e entre os respectivos cabeças de lista, havendo uma comparação quase exclusiva entre os dois, favorecida pelos cartazes e pelos debates.

Ambos fizeram uma campanha mobilizadora, conseguindo subir o seu número dos votantes. António Pedro subiu de 4 598 para 5 294, ou seja mais 696 eleitores e Ricardo Silva teve uma subida ainda maior de 3 667 para 4 979, um acréscimo de 1 312 votos, o que se traduz em cerca de 36 % de aumento.

Confirmou-se assim a **proximidade entre as duas candidaturas** que ficaram **separadas por escassos 315 votos**, menos do que a diferença de votos de uma só Freguesia. Ou seja, bastava uma Freguesia ter votado de modo diferente, para que o novo Presidente fosse Ricardo Silva.

Comprovaram-se igualmente as **mudanças previstas em muitas Freguesias**, fruto do desencanto em relação à actuação da Câmara. Observou-se uma contestação das populações ao facto de se ter concentrado na Cidade a atenção da Câmara Municipal, relegando as Freguesias para uma inércia confrangedora. As Freguesias e os seus Presidentes de Junta fizeram sentir o seu descontentamento, publicamente e na Assembleia Municipal e uma boa parte não se voltou a candidatar.

No caso do Porto Formoso, o seu Presidente, sendo independente, há muito vinha dizendo que não obtinha respostas da Câmara, ao contrário do que acontecia com o Director Regional da Habitação Ricardo Silva. Não foi surpresa que voltasse a candidatar-se como independente e que conquistasse mais uma clara vitória. Não foi o candidato que mudou, alterou-se a cor da lista que formou, apoiada por quem o vinha apoiando. Não foi surpresa total que nas **seis Freguesias da**

Zona Nascente, cinco dessem o seu voto ao PS, mas esse resultado tão concludente era imprevisível.

Na cidade, incluindo Santa Bárbara, qualquer prognóstico era arriscado, tal como no Pico da Pedra, porque havia a sensação de que estas Freguesias decidiriam para que lado cairia a votação. Com uma população urbana, sujeita a maiores variações na votação ou abstenção, factores aleatórios poderiam influenciar o sentido de voto. Assim foi e não constituiu surpresa.

A decisão do voto nestas seis Freguesias foi menos personalizada, porque se tivesse sido, os votantes teriam sido injustos para os candidatos e para os programas que apresentaram.

Os eleitores foram tocados pela campanha do PSD que teve a percepção que a Cidade e Rabo de Peixe decidiriam a votação, como veio a acontecer. A distribuição dos cabazes do Banco Alimentar por candidatos PSD, o ressuscitar da polémica das faixas quando as obras na estrada impacientam quem nela circula, poderão ter influenciado alguns votantes das Freguesias do lado nascente e da Cidade. Não terão reflectido que a Câmara nada fez para regular o trânsito na cidade, de forma a favorecer a sua fluidez.

A apresentação de intenções de avançar com ideias para a realização de projectos para futuras obras concentradas na Cidade, foram apresentados de forma promíscua na propaganda do PSD e em cartazes da Câmara Municipal como factos consumados, e terão contribuído para virar parte do eleitorado cidadão para o seu lado.

Notou-se uma **mobilização do eleitorado do PSD**, como não se via há muitos anos, conseguindo o "pleno" dos seus votantes e o **crecimento de 36% do eleitorado do PS**. A primeira surpresa foi a capacidade de mobilização de ambos os candidatos e respectivos partidos que se reflectiu na **diminuição da abstenção**, que desceu dos 53,5% para 44,5%.

A segunda surpresa foi o **desnível de votação** que se verificou entre o conjunto das **Freguesias que votaram no PS na Zona Nascente do Concelho e a diferença favorável ao PSD que se verificou nas Freguesias de Rabo de Peixe, Matriz e Ribeirinha**, porque em ambos os casos seria de esperar maior equilíbrio.

A terceira surpresa foi o facto de ter sido a **votação dos mais jovens, na cidade, que penalizou o PS**, ao contrário do que tem sido norma. Avaliando bem, após os resultados, poderá avançar-se a ideia que os jovens têm memória

de menos curto prazo, não se lembram que a via marginal já foi promessa de 1993, além de outras que não foram concretizadas. Os jovens anseiam pelas piscinas, zonas balneares e pela reconversão da zona litoral que ficam tão bem nos cartazes, e **tomaram as promessas pela realidade**.

O **mapa político do Concelho ficou completamente alterado** com o equilíbrio que se verifica agora e que obriga ao **respeito pela vontade de todo o eleitorado** e não só o do PSD, que é inferior a metade dos votantes e equivalente a cerca de um quarto do total dos eleitores.

O **PS dispõe**, como nunca, de parte do poder e da legitimidade da sua **representação majoritária nas Freguesias e na Assembleia Municipal**. Nesta última, o PS passou de 12 para 18 membros enquanto o PSD passou de 22 para 17, o que permitirá um maior equilíbrio na tomada de decisões importantes para o Concelho.

Se as eleições foram tão disputadas, o que as tornou tão estimulantes para os eleitores que acorreram às secções de voto, **a repartição equilibrada e a renovação que se verifica nos cargos, tornará mais motivadora a acção dos autarcas eleitos, que vão procurar demonstrar o seu valor**.

Como conclusão, a nota pessoal mais agradável depois de conhecidos os resultados foi ver uma caravana onde se misturaram as bandeiras do PSD que celebravam a vitória na Câmara e Rabo de Peixe, por exemplo, e do PS de Santa Bárbara e da Conceição, o que seria impensável há uns anos atrás, quando a intolerância e a coacção física eram armas utilizadas pelos então dominantes.

Isso releva até alguma incontinência verbal e métodos usados na campanha e no acto eleitoral, que fizeram lembrar a batota do passado, quando tudo valia para vencer.

O futuro na Ribeira Grande vai ser diferente, porque no actual equilíbrio vai ser possível exigir que as autarquias sirvam as populações que pagam ao Estado para que este lhes garanta os serviços públicos com qualidade e justiça.

As autarquias não servem para favorecer o **conjunto de pessoas que desempenha cargos públicos por eleição, designação ou por profissão**. Agora vai ser mais fácil praticar esse princípio.

Luís Noronha

ELEIÇÃO DOS ÓRGÃOS DAS AUTARQUIAS LOCAIS/2001 ELEIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL

FREGUESIAS	INSCRITOS	VOTANTES	BRANCOS	NULOS	PCP-PEV	PS	CDS-PP	B.E	PPD/PSD
SANTA BARBARA	944	576	6	6	6	298	4	2	254
RABO DE PEIXE	3971	1676	20	37	17	482	28	166	926
CALHETAS	490	338	5	3	6	178	7	6	133
PICO DA PEDRA	1485	921	10	15	32	390	45	5	424
RIBEIRA SECA	1875	944	11	15	7	403	19	7	482
CONCEIÇÃO	1381	782	6	12	7	358	10	9	380
MATRIZ	2771	1399	14	18	8	619	16	9	715
RIBEIRINHA	1621	814	16	9	3	272	42	4	468
PORTO FORMOSO	1086	774	7	6	2	445	1	3	310
SÃO BRÁS	579	445	2	2	2	191	3	1	244
MAIA	1650	1036	10	6	10	586	36	4	384
LOMBA DA MAIA	1047	592	2	11	13	301	16	2	247
LOMBA DE S. PEDRO	286	190	1	0	4	85	4	1	95
FENAIIS DA AJUDA	900	643	7	6	9	371	12	6	232
TOTAIS	20086	11130	117	146	126	4979	243	225	5294

ELEIÇÃO DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

FREGUESIAS	INSCRITOS	VOTANTES	BRANCOS	NULOS	PCP-PEV	PS	CDS-PP	B.E	PPD/PSD
SANTA BARBARA	944	576	5	3	6	292	9	3	258
RABO DE PEIXE	3971	1676	20	36	15	488	33	189	895
CALHETAS	490	338	6	4	4	173	6	8	137
PICO DA PEDRA	1485	921	11	19	43	373	52	7	416
RIBEIRA SECA	1875	944	13	15	7	402	14	10	483
CONCEIÇÃO	1381	782	10	11	8	373	12	12	356
MATRIZ	2771	1401	19	17	11	619	21	9	705
RIBEIRINHA	1621	814	13	14	4	279	43	1	460
PORTO FORMOSO	1086	774	0	6	2	449	3	3	311
SÃO BRÁS	579	445	3	2	2	186	5	3	244
MAIA	1650	1036	12	6	11	575	38	3	391
LOMBA DA MAIA	1047	591	2	8	19	283	16	4	259
LOMBA DE S. PEDRO	286	190	1	1	3	88	4	1	92
FENAIIS DA AJUDA	900	643	8	6	9	383	15	7	215
TOTAIS	20086	11131	123	148	144	4963	271	260	5222

ELEIÇÃO DOS ÓRGÃOS DAS AUTARQUIAS LOCAIS/2001 ELEIÇÃO DAS ASSEMBLEIAS DE FREGUESIA

FREGUESIAS	INSCRITOS	VOTANTES	BRANCOS	NULOS	PCP-PEV	PS	CDS-PP	B.E	PPD/PSD
SANTA BARBARA	944	576	1	7		313			255
RABO DE PEIXE	3971	1676	23	36		466		267	884
CALHETAS	490	338	11	5		182			140
PICO DA PEDRA	1485	921	6	21	37	337	61		459
RIBEIRA SECA	1875	944	4	18		341	24		557
CONCEIÇÃO	1381	782	16	18		407			341
MATRIZ	2771	1400	20	21		547	30		782
RIBEIRINHA	1621	814	7	17		242	58		490
PORTO FORMOSO	1086	774	7	6		437			324
SÃO BRÁS	579	445	2	3		171			269
MAIA	1650	1036	8	11		577	37		403
LOMBA DA MAIA	1047	591	7	13	35	278			258
LOMBA DE S. PEDRO	286	190	1	2		104			83
FENAIIS DA AJUDA	900	643	9	6		420			208
TOTAIS	20086	11130	122	184	72	4822	210	267	5453

Fonte: Câmara Municipal de Ribeira Grande

IEI



Instalações Eléctricas Industriais, Lda.

Executamos Instalações: Eléctricas Telefónicas Elevadores Ar Condicionado
Redes de Distribuição de Média e Baixa Tensão
Postos de Transformação

Comércio de Material Eléctrico

Rua Eng.º José Cordeiro, 10 APT. 251 9501-903 Ponta Delgada
Telef. 296 30 23 30 Fax 296 63 64 75 iei.sede@mail.telepac.pt

Diálogos: o cidadão também é sábio

1. Como caracteriza a actual situação do património (edifícios, obras de arte, paisagens, tradições) no Concelho de Ribeira Grande? É ele um Concelho de boa ou de má memória?

2. É de opinião que a arquitectura antiga na Cidade de Ribeira Grande é deveras relevante, merecendo, por isso, que seja salvaguardada, sabendo-se, no entanto, que tal pode bloquear a criação de edifícios com feição urbana mais recente?

3. Que sugestão daria à Direcção Regional da Cultura e à Câmara Municipal para, de um modo a não lesar todas as partes envolvidas, resolver o caso do derrube da 'casa seiscentista' junto ao Teatro Ribeiragrândense?

4. Mais em pormenor: considera que na sua freguesia tem havido boa defesa em prol do património; ou seja, um justo equilíbrio entre a preservação daquilo que gerações anteriores fizeram (edifícios, sítios, paisagens, festas, folclore) e as ideias mais novas, muitas vezes apelidadas de *modernices*?

5. Beneficiando da actual Lei do Património, que e d i f í c i o s ribeiragrândenses recomendaria às entidades tutelares a sua imediata Classificação?

6. No que diz respeito às questões do Património que conselhos daria às pessoas deste Concelho do Norte da Ilha de São Miguel?

HT

Pico da Pedra

1. Se o Concelho é ou não de má memória, no que respeita ao património, sou de opinião de que se muito já foi preservado: edifícios, artes, tradições etc. há ainda um grande trabalho a fazer nestes campos, pois o preservar é coisa que não se acaba. Sendo o nosso Concelho o segundo em extensão e população da Ilha e tendo em conta as inúmeras belezas naturais que possui, há também que preservá-las e valorizá-las.



2. Os edifícios da Cidade de Ribeira Grande merecem ser preservados, disto ninguém duvida. Quanto à criação de novos edifícios, de feição modernista, estes devem ser construídos nas zonas periféricas por onde a Cidade está a crescer.

3. No caso da citada 'casa seiscentista', desconheço as posições tanto dos proprietários como da Autarquia, por isso, abstenho-me de sugerir seja o que for.

4 e 5. No Pico da Pedra já se começaram a dar os primeiros passos na preservação do património. A salvaguarda de alguns edifícios, nomeadamente, a decapagem das pedras de lavoura das fachadas e a manutenção de interiores, já há muito acontecem. Os nossos fontanários ainda existem todos, assim como a ermida de Nossa Senhora dos Prazeres e um antigo império do Espírito Santo, um dos exemplares mais bem preservados, dos poucos que ainda existem na nossa Ilha, e que tal como o Solar onde estão localizados, merecem o estatuto de imóveis classificados. No que respeita a outro tipo de património, existem algumas publicações de carácter histórico e etnográfico, muito embora haja ainda muito a fazer nesse campo.

6. A cada dia que passa não só os edifícios se degradam, pois, mais percíveis do que estes são os costumes, usos e tradições das nossas gentes, cada vez mais ameaçados pela globalização. Por isso, eu alertaria as pessoas do

Concelho para a urgência de preservar, para além dos edifícios, a nossa cultura popular.

Gilberto Bernardo

Porto Formoso

Texto único

Preservar o Património não é, certamente, tarefa fácil nem para entidades oficiais, nem para particulares.

Considero a arquitectura antiga da Cidade de Ribeira Grande deveras interessante e que todo o esforço será sempre pouco para



que se mantenha fiel às suas características e origens. Tenho um episódio que poderá, talvez, no mínimo, servir para uma ligeira reflexão em seu redor. Quando há alguns anos atrás vinha do aeroporto com uma pessoa amiga, emigrada nos Estados Unidos da América, há mais de quarenta anos, qual não foi o meu espanto ao reparar que aquele amigo, não reconhecendo Ponta Delgada, nem quase nada por onde havíamos passado, chegou à Cidade de Ribeira Grande e disse: "Ah agora já sei onde estamos!", conseguindo identificar quase todos os edifícios da Cidade. Na altura pensei: "A Cidade esteve parada e não evoluiu". Agora, confrontado com esta proposta do Vosso Jornal para escrever qualquer coisa sobre Património, recordo este episódio e pergunto: Não evoluiu mesmo ou evoluiu no sentido certo, não descaracterizando o que é fundamental?

No caso da 'casa seiscentista' que existia junto ao Teatro Ribeiragrândense, entendo, tratar-se do exemplo máximo do conflito de interesses que poderá existir quando se tratam de assuntos de Património. No entanto, julgo que talvez faça falta a existência de normas e regras concretas e

precisas que permitam às autoridades actuarem nestes casos, não permitindo que os mesmos aconteçam.

Quanto à minha freguesia, não havendo uma grande riqueza patrimonial, creio que o existente não tem a conservação devida, excepção feita à Igreja. Por exemplo, o conhecido Forte existente na baía, já perdeu, talvez, mais de 50% da sua estrutura. Um outro conjunto de edifícios localizados na Eira José do Canto, conhecido por Quartel e que serviu na 2.ª Grande Guerra, está completamente descaracterizado, e isso devido ao facto de ter sido adquirido por várias pessoas que lhe deram diferentes tipos de utilização.

Aconselho as pessoas do nosso Concelho a tomarem consciência para o facto de que as questões patrimoniais dizem respeito a todos nós em particular e à comunidade em geral.

José Eduardo Cabral



Matriz

1. Actualmente, a situação no Concelho de Ribeira Grande a nível do seu património é desastrosa, isto porque nunca se criou um "organismo" que tivesse a responsabilidade de informar, apoiar e fiscalizar, com todo o rigor, ao nível da sua conservação, recuperação bem como na sua classificação, para que deste modo nos pudéssemos orgulhar do nosso Concelho. Vendo o que tem acontecido nos últimos tempos é de muita má memória e não se recomenda a mais nenhum outro Concelho.

2. Sem dúvida alguma, e digo mais, que se devia tomar medidas muito duras para quem destruisse com o intuito de só querer deitar abaixo, não reconstruindo dentro do mesmo traço arquitectónico, em que se encontrava antes. Mas que essas medidas fossem aplicadas a todos os cidadãos e não só ao "Zé Povinho", como vai sendo hábito na Ribeira Grande.

3. No caso da demolição da

'casa seiscentista', quero dizer que se levantou uma tempestade num copo de água, digo isto, porque há muitos casos no Concelho: obras de grande valor patrimonial foram destruídas e transformadas em grandes centros comerciais, que nada têm a ver com a traça que dantes possuíam, sem que ninguém se insurgisse contra, mas no caso concreto da 'casa seiscentista', saliento que é de simples resolução, primeiro, quer a Câmara quer a Direcção Regional da Cultura deveriam obrigar o proprietário a reconstruir a casa com todo o rigor arquitectónico que a mesma possuía antes da demolição, e mais, deveriam a Câmara e DRC apoiar de alguma forma o proprietário na reconstrução da mesma para bem do Concelho, a exemplo do que acontece em outras Ilhas. Em verdade, o estado de degradação em que a referida casa se encontrava representava algum perigo no sentido de um eventual desmoronamento.

4. Falar no Concelho da Ribeira Grande em termos do seu património obriga-me a recuar alguns anos atrás, isto porque na Ribeira Grande havia esse equilíbrio entre preservação e inovação saudável. Os visitantes mostravam agrado no que viam e no que assistiam. Já a nível de edifícios, nos últimos anos, tem-se verificado uma degradação muito acentuada, basta entrar no Concelho para depararmos com o estado de degradação em que se encontra a fachada e mesmo o interior da Igreja de São Francisco, e por que não dizer de uma série de edifícios ao longo da "Rua Direita"? E a nossa emblemática e sacrificada *Ponte*, toda rodeada de lixo e sem uma luzinha para ser iluminada? Mais triste ainda é constatar a indignação com que os nossos visitantes olham para o estado degradante em que também está a fachada da igreja do Espírito Santo. Por tudo isto devo dizer que tão pouco se tem feito em defesa do nosso património. Volto a frisar que faz falta um "organismo" (sem ser o Vereador da Cultura) que se responsabilizasse por tudo o que dissesse respeito ao nosso património.

5. Indicaria a nossa *Ponte*, mas que também fosse feita alguma coisa para salvar os nossos fontanários que são lindos, para que não fossem destruídos como muitos

outros já foram.

6. Devo dizer que, para bem do Concelho da Ribeira Grande, já há pessoas com consciência para a importância que tem a defesa do nosso património. No entanto, deveria apostar-se, junto da maioria das pessoas, na informação e no apoio da recuperação para que de futuro não se cometessem outros atentados ao nosso património.

Cidadão devidamente identificado junto da Redacção

Maia

1. A memória é fraquinha. Não só esquece como, às vezes, apaga de propósito.

2. Ao antigo o seu espaço, ao moderno outros. Não se trata de uma questão de destruição, mas de sobrevivência mútua.

3. Repor as pedras no seu lugar, porque, segundo consta, estão numeradas.

4. O equilíbrio é instável, mas o pouco que há verdadeiramente antigo ainda não caiu de todo.

5. A casa do Senhor Pedro de Sousa, na Rua de Santa Catarina, e o Solar de Lalém, ambos na freguesia da Maia.

6. Que aprendam a sua história no sentido de o respeitar.

João Manuel Pereira Rodrigues

Ribeira Seca

1. Embaraçosa! Primeiro assistimos, serenos e impávidos, à demolição de um edifício histórico; continuamos a observar a degradação (camuflada pelo encerramento) do imóvel já



Liberal Creador



classificado da Igreja Claustro do antigo Convento da Ordem de São Francisco, em simultâneo com o Solar de Nossa Senhora do Vencimento; e ao ruir do Museu do Chá, apenso ao Solar da Mafoma. Paralelamente há um conjunto de edifícios, pelo menos grandiosos, que estão literalmente abandonados que podiam ser convertidos quer em serviços camarários, quer em instituições de bem social (escuteiros, teatro, ATLS, centros de explicação, etc.). O Arcano de Madre Margarida do Apocalipse, remetido ao Coro Alto da Igreja de Nossa Senhora da Estrela, que não estando ao acesso da contemplação de todos, torna-se motivo para desprezo que só envergonha a Ribeira Grande. No âmbito das tradições, muito tem de ser dado ao Presidente da Câmara e ao Gabinete Cultural, se existir, pelo esforço compensador de reviver a Noite das Estrelas. Em termos paisagísticos é assustador o caso da orla marítima que perpassa a Cidade, sendo digna de um país do Terceiro Mundo, na melhor das hipóteses. É lixo que se acumula e que inevitavelmente atrai mais lixo, o que acarreta ratazanas, moscas, tomando-se um foco de doenças facilmente propagáveis. Um outro caso que merece reparo é a zona supostamente turística da Caldeira Velha. Sem iluminação estimula a promiscuidade e a agressividade. Os caixotes de lixo reduzidos e não despejados dão um cariz de pouca importância à zona e a ausência de infra-estruturas necessárias devidamente contextualizadas no local substituem uma zona aprazível, um dos locais mais belos da Ilha, num autêntico recôndito sujo e deprimente.

2. A Ribeira Grande, como qualquer outra cidade, indepen-

dentemente das suas dimensões, adquire uma feição própria e uma vivência específica de acordo, também, com a construção antiga que nela existe. Sendo assim, obviamente achamos toda a pertinência em conservar edifícios que contribuam para demarcar a Cidade da Ribeira Grande e dar consistência à sua identidade, no contexto quer da Ilha quer do Arquipélago. No entanto, tais aspectos não podem obstar à construção de outros edifícios de traça arquitectónica específica do novo tempo que conferem à Cidade uma dinâmica e envolvimento diferente. Assim, ao invés de se demolirem edifícios de cariz arquitectónico antigo, julgando que os cidadãos da Ribeira Grande estão imbuídos de algo semelhante a uma menoridade intelectual que os impedissem de reagir, sugerimos que a construção da modernidade arquitectónica seja feita nas zonas de crescimento, embora embrionárias, da Cidade, alicerçada num Plano Urbanístico consciente e com um acompanhamento competente de Técnicos.

3. A demolição do edifício seiscentista faz-nos pensar que aos olhos dos responsáveis pelas apreciações arquitectónicas camarárias os cidadãos da Ribeira Grande polarizam-se em dois grupos: os que podem e os que não podem; os que são responsabilizados e os que não são.

Tendo a firma convicção de que somos todos iguais, pelo menos em termos de direitos e exigências, independentemente da nossa capacidade sócio-económica, competiria às entidades eleitas pela população, para zelar pelos seus interesses, o embargo imediato da obra; a instauração de um inquérito, conduzido com seriedade e imparcialidade, para apurar responsabilidades no acto, e a reconstrução do imóvel tal como estava sendo custeado, exclusivamente, pelas pessoas ou entidades responsáveis.

4. Não podemos considerar a freguesia da Ribeira Seca uma zona onde proliferem muitos exemplares de património nas suas diversas vertentes. É inevitável falarmos das Ca-valhadas de São Pedro e de toda a organização que lhe está sub-jacente, a qual tem

sido preservada desde há muito. Facto desagradável é a degradação do Museu do Chá, que está apenso ao Solar da Mafoma. É o Areal de Santa Bárbara, que ora é vítima de exploração da areia, ora é rendibilizado no Verão como zona de lazer, ora é objecto de desprezo no Inverno. Quanto às ditas *modernices*, podemos considerar que estas também raream daí que o choque ente o antigo e o moderno não se coloque com tanta pertinência.

5. Os edifícios que anteriormente serviram para instalação da Repartição de Finanças, Secretaria Judicial (frente à Escola Central), Casa da Maternidade (Largo das



Freiras), e Lar Infantil e Juvenil Jacinto Ferreira Cabido (Rua João Botelho), todos na freguesia de Matriz e a ex-sede do Partido Social Democrata e a Fábrica de Tabaco, ambos na freguesia de Conceição.

6. O património quer seja de âmbito arquitectónico, paisagístico ou de usos e costumes é um factor que traça a Identidade e que está subjacente à agregação comunitária em termos locais, regionais ou nacionais. Numa época em que se esbatem fronteiras, estratificam-se influências e assimilam-se hábitos diferentes dos nossos, corremos o risco real de nos perdermos enquanto comunidade e nos dissipamos enquanto indivíduos.

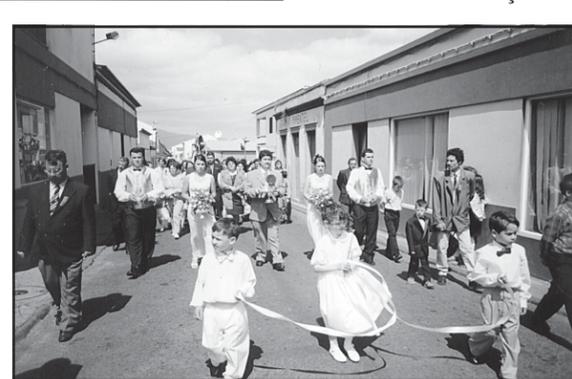
Fátima Ferreira e Luís Pereira

Santa Bárbara

1. O Património tem sido durante alargados anos ignorado. Não sei se por falta de suporte cultural ou se por falta de sensibilidade. O certo é que aquele foi ignorado. Hoje em dia, ou por via de críticas mais ou menos expressas ou, porque o suporte cultural, digamos se alargou, levou a que o

Património seja (de forma ainda indelével), preservado. Contudo, muito há ainda a fazer nesse sentido. Começar por auscultar, por parte das entidades competentes outras entidades entendidas na matéria, talvez não seja má ideia.

2. Não podemos nunca esquecer que qualquer espaço físico que manifeste resquícios de um passado, o qual identifica uma sociedade, uma classe, uma cidade, uma freguesia ou outra, é sempre um "tesouro" a pre-servar. Ele representa antes de mais uma herança, uma história que se pode quase transpor para a realidade presente através das suas



representações mais directas como, por exemplo, o Património Arquitectónico. Por vezes, são atitudes impensadas, precipitadas que incitam à destruição. Mas sabemos que, uma atitude mais ponderada e culturalmente madura poderá conciliar o moderno sem que o antigo se perca. Reconstruir para ter novo sem que o antigo perca a sua "fonte híbrida", vai do esforço das entidades competentes para que tal seja uma realidade.

3. É lamentável que nós ribeiragrândenses tenhamos que "dar" soluções publicamente quando sabemos que as entidades responsáveis disso prescindem. Se atendermos que esta cidade tem entidades à altura para cuidar,

digamos assim, do nosso Património e que aquelas entidades (bem digo, as primeiras) teimam em ignorar, como podemos nós, "simples mortais" intervir em decisões tão peremptoriamente tomadas? Normalmente, cingimo-nos a criticar entre uns e outros e, diga-se, com alguma inércia irritante que tanto caracteriza a mentalidade ribeiragrândense.

4. Não vejo grandes manifestações de interesse por parte das entidades locais porém, espere-mos melhores tempos.

5. Penso que a "Casa da Natividade", sita Largo das Freiras, na freguesia da Matriz, todas as Alminhas que ao longo do Concelho se espalham, a Igreja Claustro do Antigo Convento da Ordem de São Francisco são exemplos bem marcantes e, urge pensá-los mais a sério. Um outro exemplo que não poderia deixar passar é, sem dúvida, o futuro Centro Museológico da Ribeira Grande. Enfim, se for a enumerar todos creio que me alongaria demais.

6. Talvez uma intervenção mais

activa destas perante as entidades que orientam e governam a parte Norte do Concelho, seja uma ideia. Porém, o problema mantém-se. Onde estão as entidades locais competentes que culturalmente se sentem sensibilizadas para este tipo de questões?

Marília Dias

Conceição

1. O Concelho da Ribeira Grande na minha opinião é um Concelho de muita boa memória, isto é, de grandes valores histórico-patrimoniais. Só é pena que se tenha vindo a perder alguns destes valores.

2. Considero que a arquitectura

antiga da Ribeira Grande deve ser protegida, no entanto, a mesma não pode nem deve ser obstáculo para a criação de outros edifícios na Cidade, que, certamente, obedecerão a linhas arquitectónicas impostas legalmente.

3. Infelizmente, é um facto que a dita "Casa Seiscentista" foi demolida. Na minha opinião, a única sugestão a dar à Direcção Regional da Cultura e à Câmara Municipal é: não deixem por mais tempo aquele "buraco" no coração da Cidade. Que a **NOSSA CÂMARA** resolva o problema ao invés do que fez com o edifício do Clube do Benfica Águia, sito na principal rua desta cidade, outro "buraco", o qual foi tapado com um simples muro de blocos. Por isso, acho que deverão as duas Entidades acima citadas, conjuntamente com o proprietário do imóvel, proceder à sua reconstrução o mais breve possível mantendo a sua traça original.

4. Todos sabemos que a defesa do património na nossa Cidade tem vindo a ser esquecida, quer pelos nossos governantes quer mesmo pelo cidadão comum. A minha Freguesia (Conceição), parte integrante desta Cidade, não é excepção, tendo-se, no entanto, tentado manter certas e determinadas manifestações religiosas e culturais. Mas estou convicto que num futuro próximo mais se irá fazer.

5. Para já, acho que todas as casas que obedecem a um certo valor arquitectónico, quer pela época da sua construção ou no Meio onde estão inseridas, deveriam ser protegidas pelas Entidades competentes, inclusive, na sua manutenção. Outros imóveis que agora me ocorrem e que deveriam ser classificados são: Casa da Natividade (Largo das Freiras), Casa onde funcionou a Secretaria do Registo Predial (Rua do Alcaide) e Casa sita à Rua Infante D. Henrique (da Família Almeida Lima).

6. Penso que todas as pessoas deveriam estar sensibilizadas para estas questões e tentar proteger no máximo o seu/nosso património e de certa forma denunciar alguns "ataques" ao mesmo.

Mário Miguel Furtado

SERVIMÓVEL

JOSÉ DO COUTO, LDA.
 AREIA DRAGADA
 E AREIA FABRICADA
 EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS
 MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
 ESTRADA REGIONAL, N.º 34 ◆ 9600-214 RIBEIRA SECA RGR
 TEL.: 296 470 410 ◆ FAX: 296 470 419

Rodeado de Ilha

Uma escultura

Foi tudo muito lento e, simultaneamente, muito rápido. A lentidão deve-se a ter passado numerosas vezes por “Adão e Eva” (1929-39) de Canto da Maya, sem que lhe tenha dedicado qualquer atenção. O oposto a este tempo lento aconteceu de um modo inesperado, no instante em que passou a estar presente no meu panteão da arte. A escultura está entre pisos no Museu do Chiado. A sua situação “entre pisos” não é clara. Está e não está num vão de escada. Poderia dizer deste modo se o reconstruído edifício do museu tivesse uma tradicional escada de acesso aos seus diversos pisos. O que não é exacto. O museu, pequeno, desenvolve-se em toda a sua extensão com um sentido expositivo; nele, todos os lugares são perfeitos e dignos para mostrar as peças do seu acervo. Esclarecida está esta passagem de “entre pisos”. E a uma passagem, de facto, corresponde; por onde passo numerosas vezes a caminho das salas onde se encontram as exposições temporárias. Tenho estado ao lado desse “Adão e Eva”, vezes sem conta, desde que o museu reabriu as suas portas. Mas sempre se tem tratado de uma simples passagem, como que em serventia pelo mesmo chão em que repousa a escultura.

Aproximava-a da obra de Antoine Bourdelle, que foi mestre de Canto da Maya. Pois “Adão e Eva” desenvolve-se em delicadeza e sentimentalismo, longe de um brutal esplendor que podemos encontrar na escultura de Rodin. De resto, “Adão e Eva” situa-se em diálogo de opostos, ou pelo menos em diálogo de vizinhança, com uma escultura e desenhos de Rodin.

Nas minhas habituais passagens entre Rodin e Canto da Maya deixo-me geralmente prender pela escultura visual – forma, sombra, luz – das peças de Rodin e afasto-

-me de “Adão e Eva”. Tudo isto foi muito lento, disse-o na primeira frase. Tudo isto foi muito rápido, posso afirmá-lo agora. O sentir atravessa e utiliza o nosso olhar; e dizer que vimos uma coisa não é mais do que coincidir com ela e pensá-la sob um fluxo de aparências subjectivas.

Afirmei isto mesmo acerca de uma escultura de Bourdelle, “A Eloquência” e estabeleci para ela um percurso comparativo que ia até uma outra sua escultura – “O Orador” – e, propositadamente, confundi-as com a figura helenística de Synésius, filósofo romano de Alexandria convertido ao cristianismo nascente; e feridos, esculturas e filósofo, com o passo do *Requiem* de Ligeti, intitulado “Recordare”.

Deixemos esse recordar. Esses sons que vêm do mais longe trazem às figuras desta escultura de Canto da Maya a evocação da entrega. Um estado psíquico que arrasta consigo o representar impreciso de uma perfeição. Espécie de rastilho lançado desde os românticos até aos nossos dias e que, no terceiro decénio do século XX, tanto tocou o escultor de S. Miguel. Mas nessa perfeição o conceito de variedade é o mais claro. Assim, a terracota policromada, as desenhadas túnicas que se desprendem dos corpos e a sublimidade que os envolve, que é sempre uma fuga psicológica à ideia de pena e de perigo.

Há nas duas figuras que dão forma à escultura estase, isto é, torpor e paralização e, também, êxtase, essa figura que guarda o arrebatamento dos sentidos, enlevo extremo que envolve qualquer outro sentimento. Decorre entre os dois corpos uma suspensão e como que um dealbar de transcendência que sustém toda e qualquer fisicidade. Se repararmos, nenhum deles se toca e, no entanto, é difícil encontrar

corpos que estejam mais próximos. Por isso, tanto lhes convém o empírico prazer que se manifesta no território do belo e do sublime: satisfação no objecto que dá razoabilidade ao seu ser e que se realiza, em extensão, na perpetuidade do instante. Se os observarmos, esse sentido de clamor que se expande tem lugar mediante a emoção e um domínio que é pertença do encantamento. Um sentido que pertence ao lendário ou ao conto de fadas serve-os.

Nenhum ponto os seus corpos se tocam. Nessa distância de conseguimento escultórico resulta a aura que os envolve. Uma espécie de coisa privada que só a eles pertence. Um corpo único de amantes e, todavia, latência da entrega é o que se nos oferece. Uma fisicidade de assombro. Uma condição ficcionada que mantém distantes os objectos poderosos, violentos, terríveis, sob os quais se move a operacionalidade do mundo. Reparem na evocação da entrega e, mesmo, no esplendor físico do amor que tanto os aproxima; mas na lonjura de um ânimo evocador de uma reacção fisiológica de prazer (e do desprazer que reside no seu oposto), os dois espaços figurativos da escultura permanecem separados. Até ao chão, a base de terracota que lhes serve de sustento, está quebrado. Têm suportes distintos. Próximos, embora; mas que nunca se conjugam num esforço elevatório ou de simples disposição comunicante.

Mas quem são eles? O que são eles? Dois corpos de estatura pequena. Magros. Chegaram sem o mínimo rumor. Ao seu redor, o vazio. Podiam cercar-se de uma meia lua de troncos de pinheiro. Têm os rostos lisos. Vibram. Os dias, os meses e os anos são a grande ausência. Haverá quem por eles passe e diga: “Também as estátuas” – têm alguma razão quando os aproximam da estatuária e não da escultura – “deviam mostrar sinais da passagem do tempo.”

Quem o afirmar há-de ver os seus rostos retalhados por subit rugas concêntricas ao redor dos olhos e das bocas. Eu nunca os verei deste

modo, pois ao passar por eles não lhes atribuo qualquer sinal de mudança; jamais os saberei ver com rostos e com corpos velhíssimos, decrépitos. Eles são sem castigo e sem geração.

Há a oferta na mão feminina. Acrescida, apesar do tom escuro da terracota, de um reflexo gelado, de neve. Há a fixidez expressiva de ambos. Uma latência que no homem sustém um pranto silencioso, viril, de quem espera da oferta alguma coisa de extraordinário, de misterioso e comovente.

Mas quem são eles? O que são? Volto a perguntar. Nos seus rostos parece ter repousado uma estranha máscara de papel e, logo, barro: um rosto liso que se reflecte de um a outro rosto. “Parecem dois cadáveres nos quais a vida se haja refugiado, por inteiro, nos olhos fechados e nos ouvidos. Parece que não respiram. São um frémito, tenso, que vai prender os mais pequenos sons. Rumores imperceptíveis ao meu ouvido profano.” Dirá alguém acerca deles.

Para mim, que aprendi a pressenti-los mais do que a contemplá-los, não passam de um conseguido e consentido silêncio. Espécie de consagração que envolve um pequeníssimo entrançamento de vozes. Um coro imenso de mudos sussurros; perfeita antena humana que intercepta as ondas sonoras da floresta. Pois encontram-se a poucos passos de distância de uma densa floresta e não naquele pequeno átrio, entre escadas, do Museu do Chiado. Milhares de olhos os espiam detrás dos troncos das árvores. Os perfis dos seus perfeitos rostos e a sombra dos seus corpos de equilíbrio oscilam, em suspensão. Não são somente a representação de um homem e de uma mulher. Há neles, habita-os o valor sagrado de um animal selvagem, para além da placidez civilizacional que os rodeia. Todos os seus instintos estão concentrados na lisura da pele, nas suaves curvas que se desenhavam no correr do barro pelos corpos; lisos, insisto, mas também frágeis e perfeitos.

Um frémito nervoso agita-lhes as



“Adão e Eva”, 1929-39, Canto da Maya, terracota policromada. Cortesia Museu do Chiado.

narinas. Tenho a impressão de que se uma bala de caçador furtivo lhes atingisse uma ténpor, a atmosfera de fixidez não se extinguiria; o espasmo vibrátil iria permanecer, continuaria a agitar-lhes as narinas exangues.

A luz, a pouco e pouco, adensa-se e parece erguer-se como fumo ligeiro da imaterial fisicidade dos seus corpos. A luz deixa na sombra os troncos das árvores, os tufo das moitas. É uma luz cinzenta, raiada de ténues reflexos azuis. Estranha luz azul, líquida, imóvel como a de um lago criado para aqueles dois corpos de terracota.

Luz brilhante e fria. Penetra-lhes os corpos, como uma daquelas nuas espadas que os prestidigitadores enterram na garganta. Um clarão que incendeia os lábios, enquanto enregelam, à entrada da floresta, naquela imobilidade de estátua.

Também começo a aperceber-me dos milhares de mudos sons daquele imenso silêncio. É como um respirar baixinho, um ciciar, um leve murmúrio. Um ramo

range, ali, nas primeiras árvores. Dos altos plátanos cai, uma e outra folha. Um grande pássaro voa entre os ramos.

Mais do que Adão e Eva, as figuras da escultura de Canto da Maya prendem-se a um gosto novelesco, neo-romântico, carregado de mistério, de amores apaixonados acrescidos de sorte funesta. Têm um gosto de viagem e de naufrágio. Enviam para um espírito medieval de romanceiro. Trazem consigo uma entoada prece. Espécie de *Ave Maria*, *maris Stella*, empolgada pelo traço dos amantes. Amantes, como foram os de Teruel, Diego de Marsilla e Isabel Segura; amantes, como os camilianos Simão Botelho e Teresa de Albuquerque. Correspondem-se em exacto imaginário. Por eles, nem uma voz se ouve nem o planger dolente de um animal bravo, tão pouco um fragor de onda.

João Miguel F. Jorge



Senhor Presidente da Câmara Caríssimas amigas e Amigos Minhas Senhoras e meus Senhores

Em primeiro lugar quero agradecer a todos os que nos honraram com a sua presença e confessar, sem qualquer timidez, que vou servir-me de vós como testemunhas fidedignas da conversa que não ousei ter a sós com o Alexandre, mas que agora vou tê-la, apoiado e confortado pela vossa participação neste acto.

Quando me falaram em ti, Alexandre, com comentários de promissor futuro e de real valor,

Apresentação do livro de Alexandre Gaudêncio

nada disse, para além do silenciar de dúvidas e interrogações. É que eu, de forma discricionária e, mea culpa, leviana, contrapunha o sexagenário cadenciar dos dias e das noites, à irreverência dos teus verdejantes dezoito anos. Na verdade, caro Alexandre, por vezes a idade funciona como uma barreira, em vez de complementaridade. Foi o que me sucedeu, até ao momento em que, por fortuita e generosa casualidade, foi-me dada a oportunidade de ler um dos teus trabalhos. Acredita na expressão que vou utilizar: fui possuído, vencido e algemado pela escorrença da tua escrita e pelo mítico conteúdo das tuas naus. E com elas senti o enjoo dos temporais, a prepotência do Capitão Gama, a fragilidade da pessoa humana ante a cega ambição do objectivo a atingir. A tua prosa é algo que flui interiormente, faz pensar e evitar que nos esqueçamos de que hoje “é tão bom falarmos com alguém de solidão”, como diz o pensador,

mas que amanhã, quando ela chegar, crua e fria, na desesperante realidade de estar SÓ, vamos necessitar dum simples gesto amigo, dum solidário monossílabo, dum dar as mãos, sem preço. O teu Adamastor, tão divinal e humanamente concebido, só poderá afugentar os que, enclausurados nas suas frágeis paredes interiores, não acreditam que a SOLIDARIEDADE é uma vivência criativa e espontânea, e um receber, dando-se. E foi com mágoa que cheguei ao fim desta inesquecível e tumultuosa viagem por “mares nunca dantes” tão bem descritos. A tua repetida aparente tristeza, numa ligação que poderá ser interpretada por um sentimento pessimista da vida, por um fatalismo inerente à tua concepção da existência, é, quanto a mim, o contrário, ou seja, uma forte crença no futuro, uma esperança permanentemente renovada, um constante acto de fé nos homens e no seu destino. No “AGORA COMEÇA O

NATAL”, a insensibilidade da criança sem pais, sem amigos, ou protectores, vivendo da imprevisível caridade, quando a há, dos outros, transforma-se num “abarrotar duma riqueza interior que tudo e todos contagia”, como tão bem dizes, quando, em sonho ou não, ouve alguém dizer que “Natal é crescer” e ele, efectivamente, renasce naquele momento para a vida a para o mundo. E no “PAULA CRISTINA”, quando dizes ao Bispo que são 25 crianças e não 24, pois Cristina, mesmo morta, conquistou a

intemporalidade e a imaterialidade perpétuas, constatas com vigor que nada do que amamos tem fim, mas, pelo contrário, tem uma existência diferente, sentida e partilhada por todos os que acreditam no RE-ENCONTRO, tal como a neta do “UM FELIZ NATAL”. Alexandre. Falaram-me em prefácio, mas falar contigo, numa conversa sem sujeito e predicado, sem conjugações ou preocupações gramaticais é muito mais importante. É que tu és um escritor nato, não só pela forma, que começa a

dominar com graciosidade e à vontade, mas essencialmente pela requintada sensibilidade que colocas nas tuas palavras, em que cada conto é uma mensagem e cada mensagem uma afirmação de fé, esperança e solidariedade. Continua a crescer e a escrever. Vive a tua vida, como tens sabido vivê-la e vai colorindo-a, tal como no verde dos pastos ou no azul do mar, que nos descreves em tão comoventes e enternecedoras pequenas histórias.

Viriato Madeira

Perfis

**No Cantinho do “Central”
Evocando Costa Leite**

Na vida há surpresas que incomodam. O amigo Costa Leite era daquelas pessoas que a ideia da morte não se adequava. O seu dinamismo, a sua coragem, a sua persistência em vencer as batalhas da vida, eram garantia, para os mais íntimos, que acabaria por triunfar da própria doença. Esta ia, é verdade, avançando, não deixando dúvidas de que roubaria, ao convívio dos seus, o cidadão que soube cumprir a sua missão dentro da comunidade, em que se encontrava inserido. Mas uma vez que partiu para a esfera do Além, a memória regista, nos amigos, cenários de uma caminhada, feita na Ribeira Grande.

A maior parte da sua existência passou-a entre nós. Para aqui, no vigor e na força do seu corpo

e da sua inteligência, fixou-se no meio, com a tarefa de construir a Lacto-Açoriana. Começou do zero e, a bem dizer, sozinho. De espírito organizador, ergueu, com firmeza, a estrutura da firma que, depressa, avassalou o mercado açoriano e transbordou para fora das fronteiras açorianas.

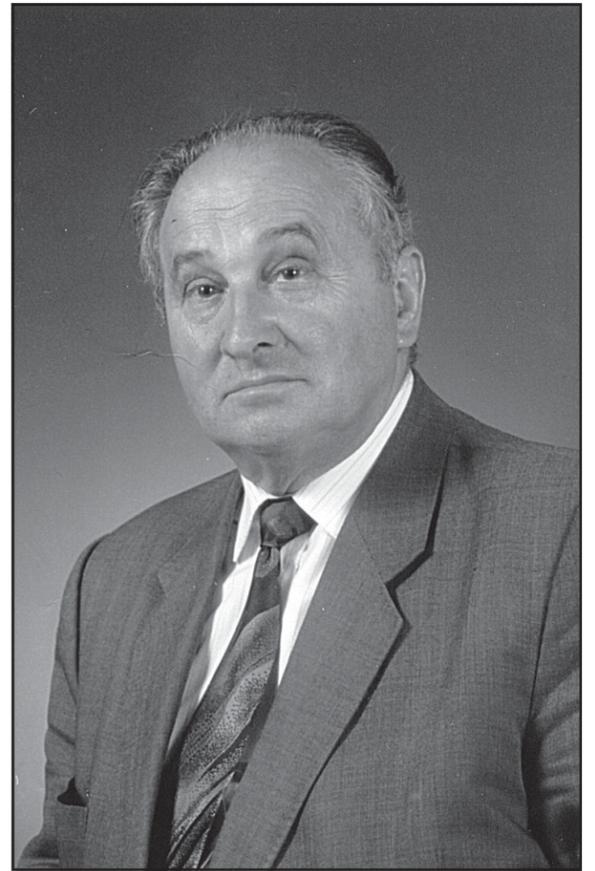
Era, na realidade, para o ribeirão-grandense sentir orgulho ao comer manteiga, por exemplo, num hotel do continente, ou a bordo de um avião comercial, e verificar no pacote o nome da Ribeira Grande. Assim o nome da nossa terra foi-se espalhando e foi-se firmando como zona industrial. Após a venda da Lacto-Açoreana, Costa Leite não quis deliciar-se com a reforma e com a inactividade. Lança ombros e ergue outra unidade industrial,

também dedicada a lacticínios. Como se sentisse ribeirão-grandense, a nova fábrica situa-se no perímetro da Cidade, ampliando a dimensão da nota de progresso, bastante identificado com a Ribeira Grande. Com a vida profunda de trabalho, Costa Leite apreciava o encontro com os amigos, de modo especial ao serão.

Era frequente, principalmente, encontrá-lo no CENTRAL, a trocar impressões e a dialogar no recanto do café e sobre diversos assuntos, connosco, com o Dr. Sampaio Rodrigues ou com o Dr. Lucindo Rebelo Machado. Por vezes, o proprietário do estabelecimento, Jaime Terceira juntava-se e, de facto, a conversa animava-se. Bebia-se o inevitável café, fumava-se, nessa altura, deli-

cioso charuto e não faltava o cheirinho do cognac. Por vezes, vem ao pensamento o quanto ficou gravado nas paredes do velho e sempre renovado Café Central, de bate-papos, de comentários e de crítica a inúmeros acontecimentos. Os serões quando o tempo era invernos, tinham sabor especial. O ambiente era aconchegado e os amigos ficavam aliviados após um dia de trabalho e de fadiga. Na verdade, a Amizade é um tónico na vida das pessoas e que transmite uma serenidade que eleva, enobrecendo e dignificando os indivíduos.

E Manuel



Rui Melo Ponte: o cientista dentro e fora da sua torre de marfim

Postura equilibrada entre um pai afectuoso, livre pensador, investigador, músico, desportista e homem defensor do meio ambiente, eis, em traços rápidos, o perfil do cientista Rui Melo Ponte. Desde a sua meninice, reconhecendo que dentro de si germinava o bichinho pelo conhecimento, no tempo certo, aliou-o ao fascinante mundo da Ciência (1).

Investigador de carreira

Nascido na Vila das Lajes, Ilha do Pico, no ano de 1960, Rui Melo Ponte vem para a Ribeira



Grande com poucas semanas de idade. Filho de mãe picoense (Maria Celina de Melo, professora) e de pai ribeirão-grandense (Plínio Maria de Medeiros Ponte, bancário), educado em meio católico, hoje, considera-se um agnóstico, frequenta o ensino Primário na Escola Central da então Vila da Ribeira Grande, fazendo o Preparatório na Escola Roberto Ivens e o Secundário no Liceu Antero Quental, cidade de Ponta Delgada. Em 1977, perante incertezas várias quanto ao ingresso no ensino Superior português (lembrem-se do Ano Propedêutico?), opta por ir estudar para o estrangeiro. Em 1978, torna-se aluno da Universidade de Rhode Island, Estados Unidos da América, licenciando-se em Física, Ciência para eleitos, não fossem Galileu e Einstein seus favoritos, no ano de 1982.

Por gostar muito do mar, ele que é filho de um espaço onde a sua inexorável presença é objecto de amor e de ódio; da mecânica de fluidos, a parte da Física que estuda os Oceanos; e, devido a um eventual, (presentemente,

muito dissipado), regresso aos Açores, já que aqui poderia fazer carreira, desenvolve estudos no domínio da Oceanografia, na vertente da Física, frequentando um mestrado no Massachusetts Institute of Technology (MIT), Cambridge, acabando por se doutorar no MIT - Woods Hole Oceanographic Institution, no ano de 1988.

Actualmente, já longe de um persistente saudosismo da sua terra natal, integra o staff de cientistas de uma empresa privada ligada à investigação e consultoria nas áreas das Ciências da Atmosfera, do Ambiente, e da Oceanografia, em Lexington, Massachusetts, desenvolvendo, em particular, pesquisa pura ou de base no âmbito das correntes oceânicas. Vive com a sua família em Cambridge, Massachusetts, junto de muitos dos nossos emigrantes.

As correntes oceânicas e a rotação da Terra: contributos para o seu conhecimento

No seu quotidiano, usando dados relativos, entre muitos outros, aos ventos, temperaturas e alturas do mar, para esta última situação, mormente os obtidos por um satélite, lançado em 1992, numa missão conjunta franco-americana, e até mesmo daqueles resultantes de pesquisas de Navios Oceanográficos, o trabalho de Rui Melo Ponte estende-se à aplicação de modelos matemáticos, decorrentes de um Modelo conhecido, para a explicação de tais dados. São modelos em permanente reformulação, os quais descrevem como os Oceanos funcionam ao nível das suas correntes de profundidade e de superfície. A consequência mais imediata que do seu trabalho resulta, em especial, para todos os que usam o mar como estrada, é a informação, permanentemente, actualizada, do estado dos Mares. As previsões climáticas também usam os seus estudos. Não será difícil perceber o

interesse da NASA pelo seu trabalho. A riqueza da sua pesquisa reside na criação ou até mesmo na recriação dos modelos matemáticos que terá de aplicar, com vista a perceber e a poder prever o estado do Oceano Global. Perseverante nas suas experiências, vulgo experiências, muito compensadoras, há pouco tempo, fruto de trabalho de equipa, publica na Revista Nature uma pesquisa sobre oscilações da Terra, as quais levam à variação da latitude. “A rotação da Terra é [afirma Rui Melo] variável. Os dias não são todos iguais; isto é, há pequenas variações. A Terra acelera ou desacelera. Ela também tem movimentos oscilatórios, parecendo um balão a boiar no espaço. Essas variações podem ser medidas com alta precisão. Já se conheciam há muito tempo. Uma das perguntas que ainda não tinha tido resposta dizia respeito ao porquê daquelas oscilações. Eu e mais dois colegas do MIT [Massachusetts Institute of Technology] tínhamos um Modelo. Sabendo-se dos ventos à superfície, e com mais uma série de infor-



mações, conseguimos simular as correntes e o transporte de massa oceânica, no Oceano Global, durante uma década. Depois, comparámos o que o Oceano fa-

zia com as medições do comportamento da Terra. Conseguimos chegar à conclusão de que o Oceano, em virtude das suas correntes e do transporte de massas de água, consegue provocar aquele tipo de oscilações”. Deveras um pequeno grande passo para melhor se conhecer a Terra.

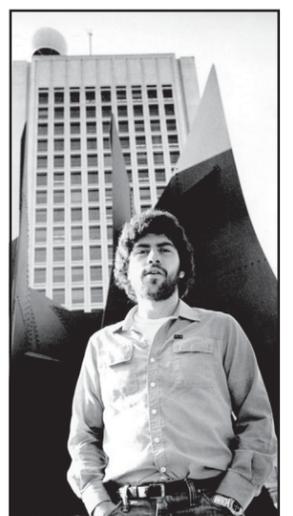
Para além da sua torre de marfim

Rui Melo Ponte não personifica a imagem do cientista fechado na sua torre de marfim, arredado do mundo dos mortais. É ele também pai, toca guitarra eléctrica, joga futebol, lê ficção e ensaios, divulga a Ciência que pratica, de que o Jornal A Estrela Oriental muito se orgulhará de publicar Os quês e os Porquês, mantém-se atento ao que se passa por esse Mundo fora, e virtude das virtudes, assume-se como um livre pensador. Deus, sem menosprezo pela liberdade individual, é preterido em relação às verdades objectivas, práticas. Não crê, por exemplo, no mito, ou lugar comum, de que a sociedade norte americana é a salvadora do Mundo; pelo

que a mesma oferece, cuja ideologia assenta no “querer sempre chegar mais longe”. É uma terra de gente com “espírito de risco e de inovação”, reconhece o cientista, onde, ao contrário das gentes lusas, ou mesmo europeias, que se voltam muito para o passado, se olha mais para o futuro. Quanto aos ataques do 11 de Setembro, sentiu, inicialmente, algum receio (“a situação não parecia real”), porém, está algo céptico quanto à resposta dada ao terrorismo. Falando da Ribeira Grande como Cidade reconhece que, nos últimos 25 anos, “as mudanças têm sido quase nenhuma”. “As pessoas vivem muito para si. Há pouca vida urbana. Falta centros de convívio, zonas de lazer, falta vida cultural, espírito de Cidade”. É o olhar de fora, também ele sentido por muitos ribeirão-grandenses de dentro. Dizemos nós: que venha o Complexo Balnear das Poças, a inevitável Via Litoral, o fim da construção da Variante Sul, a aprovação do Centro Histórico da Cidade, a Biblioteca Municipal, a requalificação do Jardim do Paraíso, a ampliação do Museu de Ribeira Grande, a recuperação de tradições e o incremento de Colectividades ligadas à Cultura, para não citar muitos mais!

Cuidar do mar como de uma casa

Poder-se-á dizer que o Oceano Global, em rigor, não está bem, já que o cientista se inquieta com a avassaladora exploração em seu redor (por exemplo, a indústria das pescas); com o, muitas vezes, persistente lançamento de detritos vários (é de se recordar a Fossa Atlântica de má memória); bem como com a subida do nível das águas dos mares. Para este último caso, Rui Melo afirma que: “as causas concretas para a subida do nível das águas ainda não estão totalmente estudadas”, porém, não deixa de adiantar que dentro de 100 anos, é muito



provável que se atinja uma subida significativa (várias dezenas de centímetros), vindo a diferir tal situação, elemento também ainda por precisar, nas mais diferentes zonas do Planeta. A revelar a sua preocupação com o meio ambiente, aconselharia as pessoas “a verem o mar como sendo a sua casa; quer dizer, cuidá-lo bem, mantê-lo limpo, não o destruir”. A imagem é pertinente, já que a Casa no seu bom sentido congrega características que ninguém ousaria deixar perder: segurança, repouso, afecto, higiene, reordenação das nossas vidas. A metáfora do cientista não omite a possibilidade da sua extensão aos restantes ecossistemas da Terra, cada vez mais um espaço de todos nós. Ante um tal cenário, teremos bons motivos para dizer que a Casa Global chegou e encontra-se bem cuidada.

(1) O presente texto, breve referência à pessoa e vida do cientista Rui Melo Ponte, resultou de uma entrevista levada a efeito, no dia 02 de Janeiro, na casa de seus pais, freguesia de Matriz, Cidade de Ribeira Grande.

Autárquicas 2001



O País mudou, mas a Ribeira Grande ficou na mesma

A vida, como a política, é toda ela cheia de dificuldades, de abrolhos e de atribuições. Somos todos ilhas no mar da vida. Aliás, como escreve Fernando Pessoa: *Meu coração esteve sempre sózinho/Morri já!.../Para que é preciso um nome/ Fui eu a minha sepultura.*

Embora não seja no vasto mundo que a nossa alma sacia o seu desejo intenso, o poder, a luta e a conquista do poder são essenciais ao progresso da humanidade.

Nas últimas eleições autár-

quicas o País político mudou. Tudo na vida, e também na política, é composto de mudança. Não há nada de fixo na vida humana. Por uma razão ou por outra as coisas acabam sempre por mudar com o tempo, pelo que o homem a nada se pode agarrar nesta vida. Em política acontece precisamente a mesma coisa.

Com o decorrer do tempo tudo se gasta; gastam-se os políticos e gastam-se os governos; as cotações dos políticos flutuam como as acções nas Bolsas de Valores; tanto podem hoje subir à cotação máxima como podem, pouco tempo depois, nada valer no mercado.

No caso das últimas eleições autárquicas, no Concelho da Ribeira Grande o que decidiu as eleições foi a confiança que o eleitorado depositou no então candidato António Pedro Rebelo Costa. Não valia a pena mudar só por mudar. A confiança que um candidato inspira às pessoas é decisiva em qualquer acto eleitoral.

Veja-se o caso de Pedro San-

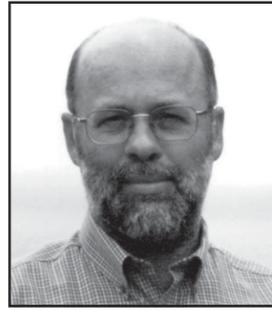
tana Lopes que, sózinho derrotou toda a esquerda e parte da direita em Lisboa.

Quem ganhou as eleições na Ribeira Grande não foi o PSD, foi o António Pedro Rebelo Costa. Quem ganhou em Ponta Delgada também não foi o PSD, foi a Berta Cabral.

No caso da Ribeira Grande, também não foi o PS que perdeu, foi o candidato Ricardo Silva que perdeu apesar de ser um forte candidato e de inspirar também muita confiança ao eleitorado. Só que eleger Ricardo Silva seria “castigar” politicamente António Rebelo Costa que os eleitores entenderam não merecer tamanho castigo.

Por isso é que apesar de politicamente o País ter mudado a Ribeira Grande ficou na mesma.

Pedro Paulo Silva



Venceu a serenidade

A disputa eleitoral para as autárquicas foi renhida no Concelho da Ribeira Grande. Esteve em confronto a obra feita, os projectos para o futuro e a serenidade de António Pedro, e as obras do Governo Regional, as promessas da Direcção Regional da Habitação e o frenesim de Ricardo Silva. Venceu a serenidade de António Pedro. Venceu a humildade sobre uma certa soberberia. Mas não foi fácil. Para os próximos quatro anos António Pedro e a sua equipa deveriam retirar uma lição destes resultados eleitorais: não basta fazer a obra é preciso dá-la a conhecer à

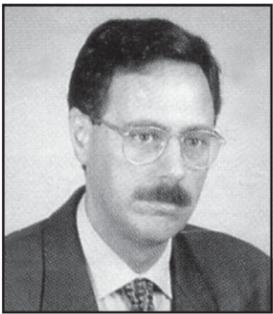
população. O voto urbano acompanhou o discurso do PSD. Mas há lacunas no mapa eleitoral do Concelho que apontam para uma maior atenção por parte da nova equipa camarária para os problemas que afectam a área que vai do Porto Formoso à Lomba de São Pedro. O PSD tem muito trabalho a fazer nesta zona do Concelho, a que está mais afastada dos centros urbanos. Uma nova geração de políticos do PSD que se vão afirmando no Concelho da Ribeira Grande, tais como Carlos Anselmo, na Ribeira Seca, António Anacleto, na Matriz, Roberto Calisto, no Pico da Pedra, José António, na Ribeirinha e José Luís Ponte, em São Brás, conjuntamente com o experiente e sabedor Artur Martins, em Rabo de Peixe, foram, o suporte da difícil vitória de António Pedro e do PSD. Ricardo Silva não é o único responsável por mais esta derrota sofrida pelo PS na Ribeira Grande. Tanto Carlos César como José Contente deveriam assumir a derrota, solidarizando-se com Ricardo Silva. Ou não estivesse José Contente tão responsável por esta

derrota por aquilo que não fez, enquanto Secretário Regional da Habitação e Equipamentos, no Concelho da Ribeira Grande, e por aquilo que prometeu ao eleitorado durante a campanha eleitoral. Seria injusto não destacar, entre os vencidos, um vencedor, que foi persistente na luta e que acabou por vencer na Maia, de seu nome Jaime Rita. O PS apostou forte na Ribeira Grande. Levou idosos a passear de autocarro, em véspera de eleições. Lançou projectos - pelo menos em cartaz - para a construção de habitações no último dia da campanha. Só na freguesia da Maia, o Governo de César e José Contente prometeram a construção de 120 casas nos próximos 4 anos. Valeu tudo. Não se olhou a meios. Mas o povo entendeu dar a vitória em quem confia. Na credibilidade e humildade de António Pedro, e na sua renovada equipa. Na Câmara Municipal da Ribeira Grande continuará a estar um homem de mãos livres, pronto a ajudar o próximo.

Hermano Aguiar

Património

DEFENDER E PRESERVAR A INDÚSTRIA DO CHÁ



A cultura centenária do chá em S. Miguel e sua consequente transformação revestem hoje um carácter único na Europa.

Esta cultura industrial desempenhou um papel relevante no âmbito económico-social, no nosso Concelho, dado que foi aqui que se localizaram a maior parte das fábricas e onde as áreas de cultivo atingiram maior extensão. Das várias fábricas ligadas às famílias Faria e Maia, Corte Real Estrela, Melo Arruda, Álvares Cabral, José do Canto e Jacôme Correia, hoje sobrevivem a fábrica de Chá Gorreana e a antiga fábrica da Família Faria e Maia, no Porto Formoso.

A fábrica de chá Gorreana foi fundada em 1883 pela família Gago da Câmara. Mais tarde Jaime Hintze, transformou-a de indústria caseira em indústria mecanizada, aliás a única que se encontrava em laboração, até há poucos meses, produzindo aproximadamente cerca de 40 toneladas, que se destinam ao consumo interno e à exportação. A antiga fábrica da Família Faria e Maia, no Porto Formoso, foi restaurada tendo entrado em actividade na Primavera, de 2001, um exemplo de uma aposta familiar, que vê neste projecto, uma alternativa viável em termos económicos.

Esta indústria, hoje, apresenta uma mais valia de carácter turístico, dado que é visitada diariamente, na época alta, por centenas de turistas, estando as duas fábricas a fazer um acolhimento digno de registo aos que nos visitam e aproveitando

este fluxo turístico para rentabilizarem as suas produções. Outra das fábricas que ainda sobrevive, mas em mau estado de conservação, que poderá ser considerada um dos melhores exemplos de arqueologia industrial é a Fábrica de Chá Micaelense, actual Fábrica de Chá Mafoma que se localiza na Ribeira Seca. Fundada por Luiz Corte Real Silveira Estrela, possuía 200 alqueires de chá, e até 1974 laborou e comercializou o chá de cultivo próprio.

Este exemplar, bem como todo o seu equipamento, são o melhor testemunho relativo a esta cultura industrial e não poderá seguir o mesmo caminho da primeira fábrica de chá, fundada por José do Canto, nas imediações da Caldeira Velha da Ribeira Grande, que há pouco mais de duas dezenas de anos ainda laborava e, hoje não existe qualquer vestígio da sua existência.

O Chá (*caméllia sinensis*) foi introduzido nos Açores cerca de 1820, provavelmente trazido do Brasil para S. Miguel pelo comandante da Guarda Real de D. João V. À semelhança de outras exóticas, que foram introduzidas como ornamentais, o chá passou a constituir interesse económico a partir da década de 70 do século XIX. As suas sementes adaptaram-se facilmente ao solo açoriano e ao clima ameno temperado pela brisa marítima.

Deve-se à Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense de que fazia parte e era a alma, o grande açoriano José do Canto, a importação das sementes de chá, oriundas da China, do Japão e da Índia. Na Ilha de S. Miguel fizeram-se as primeiras plantações experimentais nos lugares de Capelas, Ribeira Grande e Porto Formoso.

Em Março de 1878 chegaram a S. Miguel os mestres chineses Lau-a-Pan e Lau-a-Teng iniciando-se desde logo as primeiras experiências. Foi então nomeada

uma comissão pela Sociedade promotora da Agricultura Micaelense, da qual faziam parte Caetano de Andrade Albuquerque, José Maria Raposo de Amaral, Ernesto do Canto, entre outros, que tinha como finalidade acompanhar os trabalhos da preparação do chá. As primeiras chávenas de chá foram servidas no Clube Micaelense em Ponta Delgada e em Lisboa no Clube Lisbonense.

António Hintze Ribeiro, em 1938, referia-se a esta cultura industrial como grande empregadora de mão-de-obra de todas as idades e dos dois sexos, dando trabalho nos meses de Abril a Outubro. Sendo portanto uma indústria com enorme peso na economia local.

Tendo em conta que esta cultura já desempenhou no nosso Concelho e em outras partes da Ilha, um papel primordial na ocupação e desenvolvimento do território, no emprego e na animação do meio rural, e dado que esta indústria centenária já perdeu muito do seu património e algum do existente encontra-se em avançado estado de degradação, assim como o interesse que há em valorizar as produções ainda existentes. Por nossa iniciativa e da Deputada Ana Paula Marques, no passado mês de Abril, a Assembleia Legislativa Regional dos Açores, aprovou, por unanimidade, uma Proposta de Resolução, visando recomendar ao Governo Regional as seguintes medidas: Inventariar e classificar o património da indústria do chá; Elaborar um programa de recuperação dos elementos relacionados com a indústria do chá; Prestar aos produtores de chá de S. Miguel o apoio técnico necessário à criação de uma Denominação de Origem Protegida (DOP); Desenvolver, com o apoio do IAMA e com os produtores, uma campanha de promoção deste produto com imagem de marca. Espera-se que com esta

iniciativa, juntamente com os proprietários e a própria Autarquia se combata o mau estado de conservação do património existente, fruto da incúria e negligência de alguns ou talvez de todos nós, pois o Património é herança de todos, e se valorize as plantações existentes, com a atribuição de um DOP, tal qual já foi feito para outros produtos dos Açores, dos quais se destaca: o Queijo de S. Jorge, o Ananás dos Açores/S. Miguel, o Maracujá de S. Miguel/Açores, o Mel/

Açores e o Queijo do Pico. O chá, produto natural e ecológico, obterá certamente a sua certificação e esta representará uma mais valia económica para os Açores.

Já é tempo da Ribeira Grande ter o seu Museu do Chá, como é necessário aproveitar todo o património concelhio para incrementar uma Rota do Chá e já agora por que não criar uma Confraria dos Amigos e Bebedores de Chá? Com as iniciativas propostas, certamente o nosso

património será valorizado, preservado e rentabilizado em termos económicos e culturais, fazendo com que todos possamos usufruir no presente e no futuro o que os nossos antepassados nos legaram.

José de Sousa Rego
Deputado Regional do PS

ENG. TAVARES VIEIRA, LDA.

Estudos e Projectos de Arquitectura e Engenharia

**Membro da APPC, APAE e APESB
Membro individual da Ordem dos Engenheiros**

Elaboramos na área de Arquitectura e Engenharia:

- Estudos
- Projectos
- Fiscalizações
- Apreciação de propostas
- Avaliações
- Planos de segurança, higiene e saúde de prevenção de acidentes de trabalho

HÁ DUAS DÉCADAS

**Procuramos garantir aos nossos clientes:
“A melhor solução no espaço e tempo disponíveis e um bom termo na execução das obras”**

Sede: Rua El Rei D. Carlos I n.º 67 – 9600 Ribeira Grande
Telef.: 296 470060 (RDIS) – Fax: 296 470061 – E Mail: tavares.vieira.rg@netc.pt

Delegação: Rua N. Sra. do Rosário n.º 4 – 9630 Nordeste
Telef. e fax: 296 488007 – E Mail: tavares.vieira.nord@netc.pt

Nortadas

nortadas@mail.pt

Bater com a testa

Se o leitor tiver curiosidade em observar um raro exemplar para um bom bater com a testa, desloque-se às recentes infra-estruturas para criação de habitações, obra da nossa profícua Direcção Regional da Habitação, ali para os lados da Senhora da Quietação, freguesia da Ribeira Seca, onde, com toda a certeza, se deleitará com um belíssimo poste de electricidade bem plantado no meio de uma travessa que lhe dá acesso. O leitor não se esqueça que bem poderá correr o risco de ser uma das vítimas de tão even-



tual malho, por isso, é de todo conveniente conduzir com muita cautela. Não deixe de visitar tão excelso trabalho!

Desporto e boa disposição

Para os lados de Santa Bárbara um vasto e coeso grupo de velhos praticantes da bola tem-se reunido aos Domingos, pela manhã, para matar o bichinho do jogar. Pode dizer-se que a moda pegou de galho: é que, para além do se dar largas às pernas, com desejo de bons suadouros, o grupo gosta de conviver entre bons petiscos e refrescantes pingas no Café Arcádia. Até nem falta empresários que estão dispostos



a apoiar a iniciativa. Parece que uns bonés azuis e umas camisolas amarelas da C.Pinheiro (Alumínios Technal) por lá têm

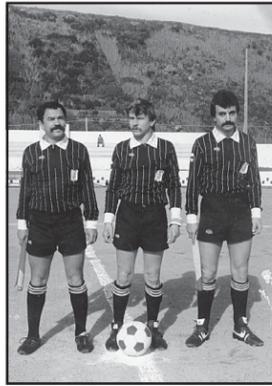
passado. Não se esqueçam de continuar com a iniciativa. É que a mistura é boa: desporto, convívio e boa comida. Digam às Senhoras Ana Rodrigues e Natália Ponte Silva que os seus assados são uma delícia.

Variante Caracol: quem atira pedras para o ar...

O candidato do PS à Câmara Municipal de Ribeira Grande, durante a corrida eleitoral, acusou o seu opositor do PSD de que o Projecto do Complexo Balnear das Poças não passava de uma operação de charme com vista à obtenção de votos. Porém, o Senhor Secretário Regional José Contente, com toda a sua pujança, honra lhe seja feita, um pouco antes do dia 16 de Dezembro, ao que parece, resolveu dar início à 2.ª Fase da Variante Sul à Cidade da Ribeira Grande, mandando uma simplória máquina escavadora para as imediações da mesma junto da Estrada que leva à Lagoa do Fogo. Afinal, ao que foi possível constatar, pareceu tratar-se de uma operação, qual areia para os olhos, com vista a dar uma ajuda ao candidato PS à Câmara Municipal. Caso para se dizer que quem atira pedras para o ar corre o risco das mesmas lhe caírem em cima. No entanto, espera-se que o Complexo Balnear das Poças não seja um caso para inglês ver.

Fernando Canejo e o apito

Não se trata de nenhuma das poéticas e interessantes estrofes da nacionalmente conhecida canção 'Apita o comboio', salvo erro do virtuoso 'Quim Barreiros', ou de outro do mesmo recorte musical, mas sim do nosso Fernando Canejo. Ele foi tão-só o primeiro árbitro açoriano - ou será micaelense? - a apitar jogos dos nacionais de futebol. A malta nova já não se lembra disso, para



eles isto terá sido no tempo da 'Maria Caxuxa', mas nós não esquecemos. Foi uma enorme honra para a Ribeira Grande. Bravo Fernando!

O piso sintético

Leitores de Rabo de Peixe, amantes do desporto-Rei, aguardavam ansiosos a colocação em Outubro de 2001, como anunciado na imprensa, do piso sintético no seu recinto desportivo. O mesmo se diz dos nossos leitores do Pico da Pedra, da Maia e da Ribeirinha. Um pouco mais tarde.

Maria Corisca: Declaração

Por ser de primordial importância, a pedido dos numerosos carteiros que esbarram num beco sem saída, a pedido dos CTT a Junta de Freguesia emitiu a seguinte declaração: «Por este documento se declara publica e amplamente que o sujeito denominado Maria Corisca que vive domicinamente nas páginas do jornal *Correio dos Açores*, que se publica na Cidade do Sul, que indica como local de moradia a rua de Gonçalo Bezerra, sem número, na Cidade do Norte, não consta do rol de recenseados existente na Junta de Freguesia de Ribeira Grande - Matriz, nem no rol de contribuintes da Fazenda Pública, nem frequenta as Poças, o Central, o Hiper, ou a igreja Matriz. Ao que consta, segundo os putativos vizinhos, a dita morará para os lados dos Fenais da Luz. Assinatura ilegível.»

Destaque

Concerto de Natal dos Irmãos Botelho Vieira

A cidade nortenha assistiu a mais um espectáculo musical dos irmãos Botelho Vieira realizado no passado dia 29 de Dezembro de 2001 na Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande. O concerto constituído por um vasto repertório incluiu música de Natal e Clássica de compositores famosos como Mendelsshon, Bach e Tchaikovsky. O comprovado talento desses jovens cujas idades variam entre os 21 e os 6 anos de idade está bem patente no nível de execução técnica e artística das mais diversas composições musicais. A título exemplar, saliente-se o currículo de Rodolfo Botelho Vieira que, quer a nível Nacional quer Internacional, se tem destacado pelas suas actuações. Está actualmente a frequentar o 3º ano do curso de Violino na Academia Nacional Superior de Orquestra em Lisboa, faz ainda parte da Orquestra Académica Metropolitana que realiza concertos no Centro Cultural de Belém, no Palácio de Queluz e no

Pavilhão Atlântico. De igual modo, é relevante o percurso musical de Diana e Tânia Botelho Vieira no piano pela qualidade demonstrada não só no Conservatório de Ponta Delgada bem como pelas suas actuações por todo o país. Esta família de jovens músicos, com créditos firmados prima ainda

lugar do concurso de composição organizado pelo Conservatório de P. Delgada com a peça "Meditação" para violino. O Rodrigo, por sua vez, estuda violão e toca órgão electrónico actuando em conjunto com os irmãos. Mas, como os últimos podem ser os primeiros, o mais novo



pela diversidade. A Ana Maria participou como violoncelista no filme "Duplo Exílio" do realizador Artur Ribeiro e em múltiplas audições tocando ao lado de figuras importantes do panorama musical. A Marta, com apenas 12 anos, compõe e toca violino tendo ganho o 1º

elemento do grupo chama-se Alexandre, tem apenas 6 anos e já segue as pégadas dos irmãos. Em suma, não poderíamos terminar sem dar os nossos parabéns aos pais pelos seus talentosos filhos.

Novo quartel dos Bombeiros de Ribeira Grande em 2004

euros (1.300.000.000\$00), para um prazo de execução de dois anos e meio. Valor gigante que será suportado, na íntegra, pelo Governo Regional dos Açores, Secretaria Regional da Habitação e Equipamentos, através do Serviço Regional de Protecção Civil e Bombeiros dos Açores. Como contrapartida as instalações da actual Sede da Associação serão entregues àquela Secretaria. Até que enfim que o GRA dá um ar da sua graça, e em grande, para com o nosso Concelho! É preciso também não esquecer que a Câmara Municipal de Ribeira Grande tem apoiado a Associação em acto que dir-se-ia louvável. Vontades políticas para agradecer.



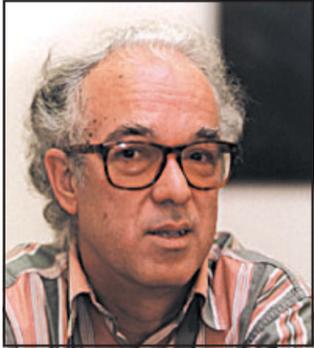
Segundo o Comandante José Gabriel, o projecto a executar, elaborado pela empresa ribeiragrãndense Eng.º António Tavares Vieira, surgiu após a realização de visitas junto de quartéis recentes, indicados pela Liga dos Bombeiros Portugueses 'como os mais operacionais a nível nacional'. Também visitaram o novo quartel da Cidade de Ponta Delgada. A sua implantação será feita em terreno na Rua Arantes de Oliveira, freguesia da Ribeira Seca, ali perto da Escola de Madre Teresa da Anunciada. A localização do novo quartel foi pensada com vista à sua eficaz operacionalidade. A rede viária, presente e futura (por exemplo a ligação da Rua dos Bombeiros à Variante Sul à Cidade), possibilitará um eficaz de-

sempenho dos Soldados da Paz ribeiragrãndenses. O novo quartel, altamente operacional nas suas entradas e saídas, reunirá uma série de valências no domínio do trabalho específico dos Bombeiros (espaço para treino de manobras, de competição e de rotina, Salas de Aulas, Casa Escola, camaratas, Oficinas de Apoio), no âmbito do Centro Municipal de Protecção Civil, na Área Social (Gabinete Médico, Auditório, Museu, Biblioteca, Ginásio com palco, Piscina coberta), bem como disporá de um Heliporto. Não esquecer que ele ficará a dois passos do Centro de Saúde de Ribeira Grande. É um quartel projectado 'para muitos anos e até com a hipótese de crescer conforme as necessidades'. O seu funcionamento, assegura o Comandante José Gabriel, irá, certamente, criar mais postos de trabalho. A Ribeira Grande, como Cidade e como Concelho, só terá a ganhar. Que venha ele!

Nota - Os actuais corpos dirigentes da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Ribeira Grande foram eleitos a 04 de Janeiro de 2002. Presidente da Assembleia Geral, Dr. Eduardo Vieira; Presidente da Direcção, Viriato Hermínio Madeira; Presidente do Conselho Fiscal, Dr. António Pedro Rebelo Costa.

Crónica Mal-Humorada

Fiiiss ... pum! Aaaah!



O meu amigo Carlos Ávila, companheiro de injustas perseguições e camarada de muitos anos a tentar pintalgar de cor-de-rosa o mapa político dos Açores, não ganhou as eleições para a Câmara Municipal da Povoação. Bem feito!... Quem o mandou perder muitas horas de sono e alguns quilos de peso, com risco de um esgotamento físico e mental, para acompanhar a reconstrução de um concelho devastado por catástrofes nunca dantes vistas?... Se ele queria realmente ser reeleito Presidente, teria sido muito mais fácil manter a gravata no pescoço, um bom par de sapatos nos pés, observar a obra feita por outros sem se meter no meio da lama, dos escombros e das máquinas, e, sobretudo, poupar uns milharzitos de contos aqui, outros milharzitos ali, que ninguém dava pela falta, e gastá-los em roqueiras. Exactamente: roqueiras, à nossa moda, que antigamente era palavra que se referia a umas pequenas peças de artilharia mas que foi naturalizada açoriana como sinónimo de foguetes. Seguisse o exemplo de outros colegas seus que sabem que, enquanto o povo grado e miúdo olha para o ar, não repara no que se passa à sua volta.

Um candidato a presidente associado a uma catástrofe, apesar de a ter aproveitado para tornar a vila da Povoação num lugar lindo para se passear ou a Ribeira Quente numa das mais bem cuidadas freguesias de S. Miguel, dificilmente poderia voltar à principal cadeira da edilidade. Menos umas pedrinhas ou uns bidões de as-

falto e mais roqueiras é que era a receita. Mas o rapaz levou a coisa a sério, não teve um gestor de “marketing”, e pronto. Entrou para a história como a mais injustiçada vítima dos votos partidários. Porque, na Povoação, o que falhou não foi a Câmara Municipal, não foi o Governo Regional, não foi o Governo da República: o que falhou foi a democracia. A não ser que o seu sucessor seja pelo menos tão bom como ele e, nesse caso, ninguém mais sofrerá do que o próprio vencido de hoje que durante vários anos foi o vencedor de enormes desafios. Exemplos de roqueira bem sucedida?... Aqui vão quatro, dois de cada lado político para não se pensar que isto é mau humor partidário. Viram a passagem do ano na RTP/A? (Deus lhes perdoe, que há muito tempo não havia um programa tão sem tarelo da “nossa”...) Aquilo é que foi roqueiras de lágrimas, como diz o nosso povo. Minutos inteiros delas, dezenas de milhares de contos. Já é o costume. Por isso na Horta, em Angra do Heroísmo e na Ribeira Grande ficaram os mesmos, e, em Ponta Delgada, mudou a regência mas a banda continua no coreto. Não se ouviu foi a principal notícia dessa meia-noite de todos os excessos: que arderam umas quantas casas de gente pobre. Não arderam no chão, mas no ar. Casas como as tais que não ficaram para sempre na lama da Ribeira Quente nem foram transformadas em roqueiras de lágrimas. E nunca esta forma popular de referir o fogo de artifício terá sido tão correcta: de lágrimas, sim senhores. Pior ainda: de lágrimas que muitos nem percebem como são verdadeiramente reais. Mundo-cão! (A minha Câmara gastou dez vezes mais em festas que em habitação. Assim é que é!)

Daniel de Sá

Indústria

breve caracterização

joaot@notes.uac.pt



O sector industrial do Concelho da Ribeira Grande é um dos mais importantes a nível regional, destacando-se, assim, a construção civil, a indústria conserveira e de preparação de peixe e a indústria de lacticínios.

A construção civil está fortemente indexada ao ciclo do investimento público regional, não obstante importantes iniciativas ligadas ao turismo, relacionadas com a construção de hotéis fora do Concelho da Ribeira Grande, tenham permitido aos empresários autonomizar os planos financeiros das suas empresas. No referido sector, assume particular importância a produção de blocos e inertes e a indústria de pedras ornamentais (pedra de lavoura) a partir do basalto, cujo mercado principal consiste na própria ilha de S. Miguel. Por sua vez, a indústria conserveira e de preparação de peixe, para além de desempenhar uma importante função social em Rabo de Peixe, garantindo emprego a dezenas de famílias, tem apresentado interessantes indicadores no abastecimento de produtos ao mercado nacional e externo. A indústria de lacticínios desenvolve a sua actividade especialmente orientada para o mercado nacional. Com menor dimensão, mas com elevado dinamismo, surge a indústria de rações, impressão e artes gráficas, madeiras e produção de energia eléctrica.

Quando se caracteriza o sector industrial da Ribeira Grande, não deixa de ser interessante verificar que o Parque Industrial tem assumido um papel marginal como estrutura de apoio. Porventura, o factor que mais vezes é apontado como responsável pelo insucesso do Parque Industrial é a sua acessibilidade. No entanto, julgo que a resolução do problema da acessibilidade não garante só por si o dinamismo do Parque. Deverão existir razões objectivas para a concentração de empresas num dado local, nomeadamente as sinergias de relacionamento com

outras empresas, as facilidades burocráticas na instalação, enfim, todo um conjunto de aspectos que tornem o Parque um verdadeiro pólo de atracção de empresas. O Parque deve apresentar factores diferenciadores de modo a fazer face à concorrência do futuro Parque Industrial de Ponta Delgada.

Os dados do emprego no sector industrial do concelho apontam claramente para um sector com trabalhadores jovens, ao contrário do que acontece no sector agro-industrial. Na verdade, 34% da população activa encontra-se no escalão etário abaixo dos 25 anos e 80% tem menos de 44 anos. A maioria dos trabalhadores do sector industrial são trabalhadores por conta de outrem, apresentando um nível de habilitações literárias muito baixo. Cerca de 65% desse tipo de trabalhadores apresenta um nível de escolaridade que não ultrapassa o 4.º ano. A

formação profissional surge como ferramenta fundamental para potenciar a produtividade desses trabalhadores.

Por fim, uma nota para a importância relativa das várias indústrias em termos de oferta de emprego: em primeiro lugar surge, a indústria do leite e derivados com 26% do emprego industrial, seguindo-se a indústria de fabrico de produtos de betão e o fabrico de artigos em granito e rochas. Em suma, o sector industrial da Ribeira Grande tem todas as condições para continuar na linha da frente em termos de importância económica e social na ilha de S. Miguel, e mesmo no todo regional, pelo dinamismo e capacidade de adaptação que tem apresentado e pelas novas oportunidades que o Concelho pode e deve oferecer.

João Teixeira



A iluminação de Natal foi original.



Só nesta terra, um jardim sem flores...

Num só espaço
Tudo para a sua casa
Mobiliário - electrodomésticos - mercearia
mosaicos - materiais de construção


Stand Correia
 Rua Direita de Cima, 45
 Ribeira Seca
 Telef.: 296 470004



Custa Pouco Viver Melhor



Ponta Delgada - Horta - Angra do Heroísmo - Praia da Vitória - Ribeira Grande



Coordenação: Filomena Moura, Gisela Correia e Carina Sousa

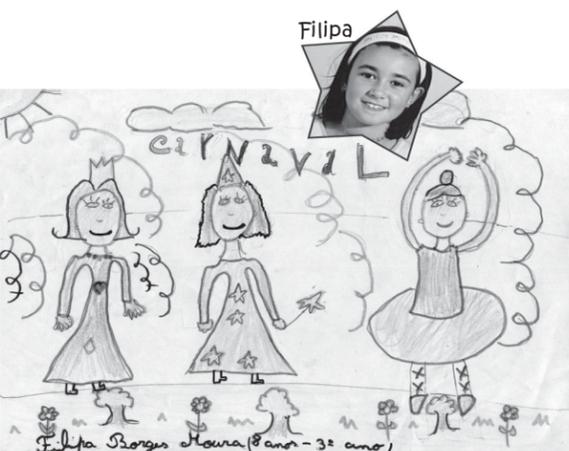
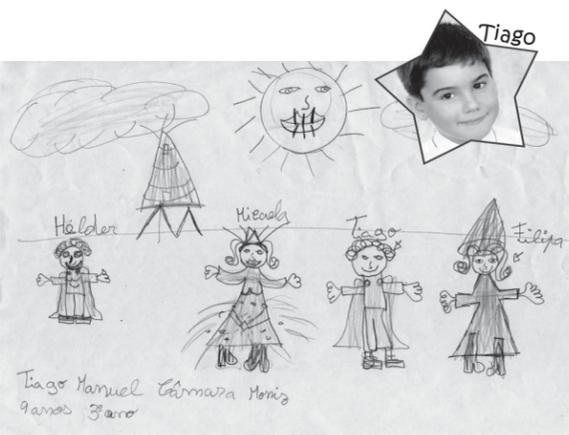


Editorial

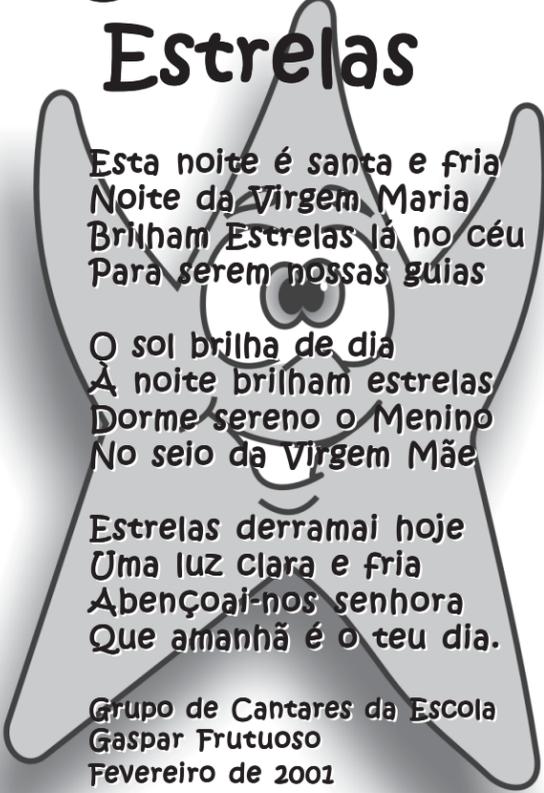
Olá amiguinhos! Sabiam que no primeiro dia do mês de Fevereiro celebra-se, na Ribeira Grande, o cantar às Estrelas? É uma tradição nossa que se vem repetindo há muitos e muitos anos, entre as comunidades cristãs que se reuniam ao serão para cantar, rezar e ouvir leituras da Bíblia. Este hábito foi passando para o povo que se reunia em grupos que iam pelas ruas, cantando à Senhora da Estrela e a Jesus.

Neste mês celebra-se, ainda, não só cá, mas em todo o mundo, o Carnaval, também conhecido como Entrudo. Sabes porque surgiu? Investigamos e... descobrimos que está ligado a rituais que aconteciam no final do inverno para fazer com que a terra se tornasse mais fértil e para afastar os maus espíritos.

Aposto que ficaste a saber mais um pouco sobre as tradições da tua terra e sobre o Carnaval. Até breve!



Cantar às Estrelas



Luana

Uma Estrela Cadente

Vi uma estrela cadente
No céu a pairar
Numa noite de chuva potente
Vinha na minha direcção a voar.

Segui-a como se fosse um rei mago
Fui parar a um campo de mil estrelas
Fiquei a vê-las ao pé de um lago
O sangue já não me corria nas veias.

Não sabia se era sonho ou se era real
Deixei-me ali ficar para ver o que acontecia
As estrelas pareciam de cristal
Dali a nada adormecia.

Luana San-Bento Luis de Melo
10 anos



O CARNAVAL

Carnaval é a gente deixar de ser gente. Fingir que é palhaço, nariz de abóbora e um grande laço. É ser um leão, tigre ou elefante ou papagaio muito bem falante. É falar aos amigos com voz a fingir, trocar de nome e não parar de rir. Carnaval é virar o mundo de pernas para o ar mas tomar cuidado para não o estragar. No carnaval pode fazer-se quase tudo até em vez de carnaval chamar-lhe... Entrudo!

Nelson Timóteo e Conceição Marques in Pequenos Leitores - 4.º ano

Envia os teus desenhos, histórias e anedotas para: Clube do Fuseirinho, Apartado 6 - 9600 Ribeira Grande. Não te esqueças de mandar a tua foto!

Lembranças de ribeiras



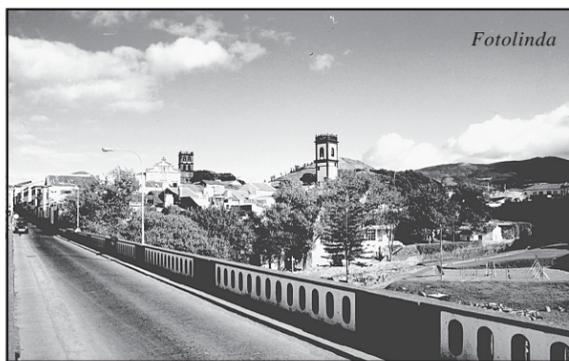
Nasci na Ribeira Grande, justamente na vizinhança da ribeira que lhe deu o nome e a curta distância da ponte, que se ergue na área conhecida por Ribeira de Baixo, por onde alguns moinhos repousam nostálgicamente, e por onde perpassa ainda, numa aragem saudosista, a recordação dos moleiros que dispenderam as suas vidas ao serviço da antiga vila, hoje jovem cidade com progresso e futuro assegurados.

Descontando os nove anos que frequentei o seminário diocesano d'Angra, ausentei-me dessa "Terra de Saudades" embarcando, aos 19 anos d'idade, p'rá Califórnia em 1955. O longo e já distante tempo que, desde então, há transcorrido inexoravelmente, nunca conseguiu dissipar da minha memória,

porém, a carícia e o luaréu das lembranças que ainda agora guardo desse passado longínquo. São lembranças que me acompanham noite e dia, e que mais se intensificam todas as vezes que, através de "boleias" afortunadas, tenho tido a oportunidade de visitar as ilhas. Este sortilégio de novo se apossou de mim, recentemente em Julho, durante a minha passagem pela Ribeira Grande e Angra do Heroísmo. Regressei com mais lembranças e, confesso, com mais saudades também. E há pouco este rol de lembranças e saudades avolumou-se, de forma inesperada, ao rereer um artigo acerca de ribeiras, e que ora tenciono partilhar – em crónica sucinta – com os leitores de "A Estrela Oriental", correspondendo assim ao convite de colaboração que o Dr. Mário Moura tão gentilmente me endereçou.

O artigo, em referência, é da autoria de Francisco dos Reis Maduro-Dias, e foi publicado no "Diário Insular" da ilha Terceira, aos 8 de Setembro de 1996, com o sugestivo título *A Ribeira da Ribeira Grande – Uma moldura longe*, fazendo-

se acompanhar ainda duma gravura colorida, certamente colhida do alto da torre da Igreja Matriz, distinguindo-se a imponência da Câmara Municipal, a graciosidade da ponte dos oito arcos, e um braço do Atlântico afagando, de mansinho, o Bandejo e o Morro de Santana. Escreveu Maduro-Dias que, há cinco séculos, Álvaro Martins Homem mandou desviar a ribeira que havia no vale



Fotolinda

d'Angra a fim de nela "instalar moinhos de trigo e outros equipamentos".

Atendendo ao facto de que, no século XV, tudo ou quase tudo era extremamente árduo e difícil, segue-se logicamente que

devemos considerar a ribeira dos moinhos d'Angra uma "autêntica e notável obra de engenharia" ... ainda hoje visível em alguns troços.

No testemunho legado pelo Padre António Cordeiro (1641-1722), na sua "História Insulana" (pp. 274-275, Edição de 1981), esta ribeira não só fornecia energia p'ra mover uma dúzia de moinhos, bem como servia p'ra "lavar" a cidade d'Angra:

"Com tanta abundância d'água, que quando a Cidade quer, faz vir tal ribeira dela, que entrando

não se lança na rua coisa alguma, e assim nunca se ouve Água vai, porque não há casa que por detrás não tenha seu quintal (...) muitas têm da fonte água dentro, e nunca nas ruas se vê despejo humano algum, o que tanto se estranha em outras terras."

Após prolongada pesquisa, e apenas p'ra satisfazer a minha curiosidade de "fuseiro", deparei finalmente com a lista dos nomes dos moinhos ao longo da ribeira d'Angra. A informação está patente no "Arquivo dos Açores" (Vol. IV, pp. 146-147), ao título "Notas dos Particulares d'Angra", e foi extraída em 1875 dum manuscrito do Padre Manuel Luís Maldonado (1644-1771) em poder de Luís Pacheco de Lima, da cidade d'Angra.

Assim, havia o Moinho da Janela, da Cova, do Picão, do Rego, da Madeira, da Calçada, do Muro, da Fábrica, da Calcadinha, das Duas Portas, de S. João de Deus e Moinho Novo.

Mas tudo isto – e não só! – é tão somente uma recordação do passado. Consequentemente, o que motivou Maduro-Dias a designar a ribeira da Ribeira Grande "uma moldura longe", integrando-a na série "Molduras da Cidade?"

É fácil, diz-nos ele, e prossegue:

"Memória e moldura desse abraço antigo entre os povoadores primitivos dos Açores e as ribeiras de curso permanente que lhes davam energia, a Ribeira Grande guarda hoje a última ribeira activa desse tipo, no curso de água que atravessa a cidade e nos permite surpreender o som suave, continuado e bem menos estridente, a cada canto e onde menos se espera, da água ou do moinho trabalhando.

A nossa cidade mais antiga tem assim, de certo modo, uma moldura guardada pela mais nova cidade dos Açores!"

E, num aceno de despedida, aqui vai este mimoso parzinho de quadras, que tive o prazer de encontrar nas preciosas *Memórias dos Moinhos da Ribeira Grande* do meu ilustre conterrâneo e bom amigo Dr. Mário Moura:

*O Moinho do Ti Pavinha
Fica acima da Tondela;
Quem lá vai com milho branco
Traz farinha amarela*

*Ribeira Grande e Ribeirinha
São duas freguesias rentes:
Co'o negócio da farinha
Se fazem bons casamentos*

Ferreira Moreno

Ribeira Grande, Terra de Amores



Há não muito tempo, havia, aqui na Ribeira Grande, dois jovens, um rapaz e uma rapariga, como tantos outros. Eram simples, divertidos e a única coisa que tinham até então de comum era terem muitos amigos, estarem sempre a rir e serem colegas de turma. O rapaz comentava com os seus amigos quem era aquela rapariga que entrara para a turma e que, por ser tão bela, o fascinava. Eles não sabiam responder, pois não tinham confiança com ela para chegarem junto dela e perguntarem-lhe. Até faziam apostas e ganhava quem primeiro se sentasse junto dela na aula ou falasse com ela. Como eram todos tímidos ninguém ganhou. Os tempos foram-se passando e não passava dia algum que o rapaz não pensasse nela, mas não sentia o mesmo da parte dela, que parecia estar sempre indiferente às coisas. O ano

passou-se e no ano seguinte já não estavam na mesma turma. Aquilo que o rapaz sentia por ela ainda estava lá no fundo, bem guardado, esperando que uma simples palavra dela pusesse todo aquele sentimento para fora, até que um dia, um simples "Bom dia" que ela o tinha dado, fez com que algo lhe mexesse, mesmo naquele sítio onde tinha guardado todas aquelas emoções do ano anterior. A partir daí, passou a falar mais com ela e descobriu que por dentro daquela sua beleza, morava uma simples rapariga com as melhores qualidades humanas que já viu. O tempo foi-se passando e nas férias nunca deixavam de se ver. Tinham como principal ponto de encontro as Poças, pois era Verão e o calor apertava. Os dois falavam incansavelmente sobre tudo. Tornaram-se grandes amigos, mas o rapaz nunca deixou que os seus sentimentos se apagassem. De uma brincadeira, surgiu a palavra namoro. Ao ouvir isso, o rapaz não cabia em si de contente, pois foi por esta palavra que esperou todo aquele tempo. Os dois amigos eram já namorados. Em pouco tempo, a palavra amor passou a fazer parte da vida deles. Passavam o dia na praia, à espera do seu

melhor momento, o pôr-de-sol. Abraçavam-se com muita força a ver o sol a desaparecer no horizonte e pensavam como era bom aquele momento. Cada dia que passava, amavam-se cada vez mais. Tudo parecia perfeito, nada lhes faltava, pois a presença do outro completava-os. Mas, quis o destino que os separasse e nem o rapaz nem ela podiam fazer nada para impedir isso. Entre lágrimas, o rapaz apenas guardou no seu coração apenas os melhores momentos que passaram. Ele já não era o mesmo, pois perdera, por culpa de um destino cruel e egoísta, aquilo que mais amava e lutara aquele tempo todo. Até os amigos notaram-lhe diferente e tudo faziam para que ele se divertisse, mas ele ficava sempre num canto a pensar nela. Passava a maior parte das noites em claro, olhando o mar pela janela e vendo o rosto dela na água. Numa dessas noites, uma rola branca estava no mar, mesmo em cima da cara que o rapaz estava imaginando e começou a voar em direcção à sua janela. Poisou ali, mesmo à sua frente e fintou-o com aqueles olhos pequenos, mas cheios de vida. Quando se preparava para lhe pegar, a rola fugiu. Foi com esse olhar que o rapaz se deitou, pensando

que melhores dias virão. No dia seguinte, foi para a escola e ao ver a rapariga sentiu uma coisa tão forte. Não sabia o que era, mas naquele instante, ela olhou para ele e sentiu o mesmo. Ambos se foram aproximando, como houvesse algo que lhes estava a puxar, e quando já estavam a um palmo de distância, abraçaram-se com tanta força que sentiram os seus corações a bater ao mesmo tempo. A partir daquele momento, rapararam que o amor que sentiram era verdadeiro e aquele tempo que estiveram afastados serviu para confirmar isso.

Na noite anterior, a tal rola branca, quando saiu da janela do rapaz foi ter com a rapariga e com o mesmo olhar, fixou os olhos dela e foi-se embora. Ainda hoje eles estão juntos e o seu amor está mais forte do que nunca. Desafio-vos a amarem na nossa cidade e a encontrarem a rola que juntou estes dois jovens. Pode não haver nem a Torre Eifel, nem o Arco do Triunfo, mas aqui mexe-se com o que importa, o sentimento!

Alexandre Gaudêncio



Até dá gosto... Quadrados de abóbora

Entre o Natal e o Carnaval, em simultâneo com as conhecidas fatias douradas e pastéis de abóbora, é da tradição cozinhar-se os quadrados de abóbora.

Ingredientes

400 gr. de abóbora cozida
400 gr. de açúcar
6 colheres de sopa de farinha de trigo
4 ovos inteiros



Vai ao forno em tabuleiro untado abundantemente com manteiga e farinha, polvilhando-se a massa com açúcar e canela. Tempo de cozedura: meia hora. Servem-se como sobremesa, acompanhados com um licor.

Fonte: Receita concedida pela Senhora Maria José Brum.

Otilia Botelho / Rafaela Cardoso

HERDEIROS DE AGOSTINHO FERREIRA MEDEIROS, LDA

OBRAS PÚBLICAS - CONSTRUÇÃO CIVIL

Central de Britagem >> Fábrica de Blocos e Vigas >> Materiais de Construção >> Serração de Basalto >> Granitos

Estrada Regional, Nº 3/1ª Km. 10 Boqueirões - 9600 Ribeira Grande - Tel. 296 490 160 - Fax 296 490 167



Ciência

“Os quês e os porquês” ponte@aer.com

Por trás da cortina



Quem vai de passeio pela rua num dia de sol rasgado, e sente vontade de meter o bedelho nas casas de cada um mesmo sem ser convidado, já deve ter reparado que não há janela com cortinas de bem que deixe escapar o mais pequeno dos segredos (1). O olhar indiscreto do transeunte bate e resvala nessas leves murallas de cambraia. Mas, ao mesmo tempo, por trás das cortinas e sem que ninguém veja na rua, podem estar meia dúzia de mirones que só não deixam o transeunte em pele

e osso por piedade.

Ver sem ser visto foi sempre o sonho de todos os mortais. O nosso pequeno Harry Potter, mágico da moda, também tinha uma capa que o tornava invisível. Lá como o conseguia é segredo bem guardado da criação literária. Mas, com as cortinas, personagens principais da nossa peça, por que artes mágicas é que conseguem esconder de um lado e revelar do outro? É aqui que entra em cena a insustentável leveza da luz, essa maravilhosa criação da natureza que se derrama por todo o lado sem se cansar de deleitar o observador atento com os seus truques. Da dança mirabolante entre a luz e a cambraia nasce a magia das cortinas.

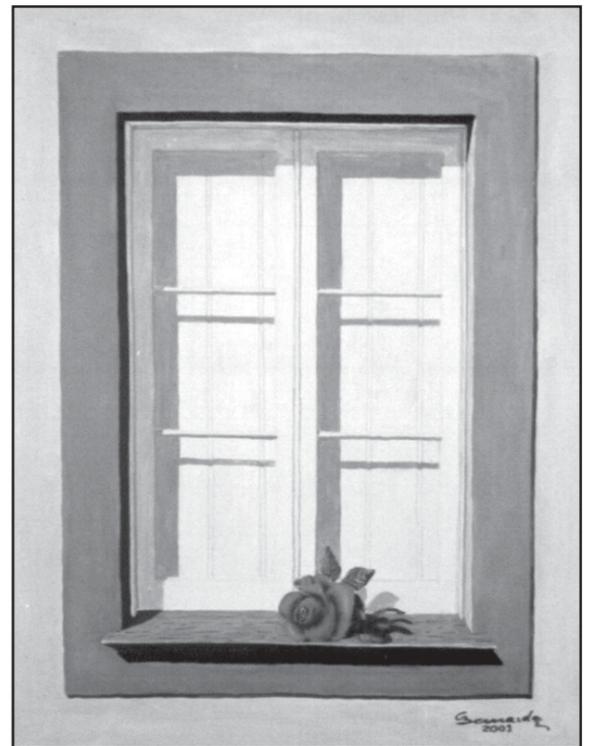
As cortinas feitas de tecidos ralos e translúcidos, como a

cambraia, são uma espécie de peneira. Deixam passar a luz que lhes cai em cima, mas não toda, parte da luz é reflectida. É por isso que a gente pode ver a cortina. A luz reflectida pela cortina chega aos nossos olhos e revela a sua presença. O mesmo já não acontece, por exemplo, com os vidros da janela. Os vidros deixam passar muito mais luz do que a cortina, e a luz reflectida é quase nula. É por isso que quase não se dá pelos vidros, deixam ver tudo o que lhes está por trás.

Por que é que quem vai na rua, num dia claro, não vê biscoito para lá da cortina? Porque na rua há muito mais luz do que dentro de casa. Sendo assim, a luz reflectida pela cortina é muito mais intensa do que a luz que a cortina deixa passar do interior para o exterior da

janela. Logo, quem está do lado de fora quase só vê a cortina. Para quem está por trás da cortina, passa-se o contrário. Normalmente há muito menos luz em casa do que na rua. A luz exterior que atravessa a cortina é portanto muito mais intensa que a luz interior reflectida pela cortina. Assim dá para despir o nosso frustrado transeunte de alto a baixo sem ser visto.

Mexeriqueiro avisado vale por dois. Por isso, mesmo que não queira abraçar a modernidade e usar fotómetro (um aparelho que serve exactamente para medir os níveis de luminosidade), não se esqueça quando lhe der para o mexerico. Cortinas só escondem quando há diferenças substanciais de intensidade de luz de um lado e de outro, e só do lado



com menos luz. Se está por trás da cortina, acautele-se. Quando a noite cai e se acendem os candeeiros da casa, para evitar olhares indiscretos há que correr o reposteiro. Vá-se lá descortinar porquê!?

(1) Referimo-nos aqui a cortinas feitas de tecidos

finos e leves, não a cortinas mais pesadonas, também vulgarmente conhecidas por reposteiros.

Cambridge, Massachusetts

Rui Melo Ponte

Arqueologia

O que nos dizem os ossos humanos recuperados do Convento de Jesus da Ribeira Grande cunha@ci.uc.pt

Na sequência das intervenções arqueológicas levadas a cabo no Convento do Santo Nome de Jesus na Ribeira Grande em 1998 e 1999, sob a direcção do Dr. Mário Moura do Museu da Ribeira Grande, foi recuperado um importante conjunto de ossos humanos. O interesse científico suscitado pelos numerosos ossos desarticulados, levou a que se pudesse concretizar pela primeira vez no Arquipélago dos Açores, um estudo antropológico. O protagonismo do Museu da Ribeira Grande deve, por isso ser aqui destacado. Mas, indagar-se-ão os leitores, para quê estudar ossos humanos? Por que não deixá-los no local onde jaziam sem lhes mexer?

Os ossos humanos, ao contrário do que se possa pensar, não são mudos. Para além de constituírem o vestígio mais real das populações do passado, os ossos, que em vida dos indivíduos a que pertenceram foram um dos seus muitos tecidos orgânicos, têm a particularidade de registar muitos dos acontecimentos ocorridos durante esse período. Assim, há que proceder a uma leitura científica das várias informações retidas nos ossos. Cabe ao antropólogo bioló-

gico decifrar este manancial de registos. Ao fazê-lo, o antropólogo consegue perscrutar vários aspectos da vida e da morte. No âmbito da reconstrução da vida a partir do esqueleto, conseguem-se dados de vários campos, designadamente, dados demográficos, aspectos morfológicos, alguns dados epidemiológicos. Pode também aceder-se, entre outros, à dieta e ainda, acompanhar a evolução das populações. Acrescente-se que de acordo com legislação recente, sempre que são detectados vestígios ósseos é obrigatório o acompanhamento por parte de especialista em antropologia biológica. Por conseguinte os ossos humanos exumados do Convento de Jesus foram analisados antropológicamente com o objectivo de se contribuir para o conhecimento das populações que habitaram a Ribeira Grande nos séculos XVI-XIX, a datação provável do espólio recuperado. Uma das questões inicialmente formuladas era saber se, pelo facto de se tratar de um Convento de Clarissas, o espaço de enterramento em causa seria reservado exclusivamente para estas freiras, como é o caso de outros con-

ventos portugueses de Clarissas, ou se, pelo contrário, seria um espaço de enterramento para o povo em geral.

Da análise dos muitos ossos soltos recuperados, os quais só muito raramente se encontravam completos, foi possível inferir os seguintes dados: Os ossos correspondem a um mínimo de 36 indivíduos. Destes 36, 30 eram adultos e seis correspondiam a

esqueletos de crianças e/ou adolescentes. Os 30 adultos pereceram com idades variadas. Alguns terão morrido enquanto adultos jovens e outros claramente mais tarde, já relativamente idosos. A criança mais nova recuperada teria 2-3 anos na altura da morte.

Foi perfeitamente possível identificar esqueletos adultos masculinos e femininos.

Quando se tenta recriar o aspecto geral, surgem indivíduos de estatura média e não muito robustos. Entre as várias doenças que deixam vestígios nos ossos, foi possível identificar a artrose, a patologia degenerativa que mais comumente afecta o homem. Alguns traumas observados nos ossos indiciam acidentes domésticos que resultariam em hematomas e entorses. No campo das doenças infecciosas, foram registadas algumas reacções ósseas não-específicas, em relação com episódios de doença infecciosa sem uma causa específica, muito provavelmente períodos de febre intensa, diarreias, entre outros, que aliadas a condições higiénicas, designadamente inexistência de água potável, não muito propícias poderiam levar a um contágio relativamente

rápido. Infelizmente, e porque o número de dentes recuperados foi anormalmente escasso, não foi possível fazer inferências sobre a dieta adoptada.

O perfil demográfico da série antropológica exumada do Convento de Jesus, deixa supor que os ossos em causa correspondem a indivíduos da população que habitou a Ribeira Grande nos séculos XVI-XIX. Não obstante ser um Convento de Clarissas, a área intervencionada seria um local de enterramento da população em geral.

Eugénia Cunha e Cláudia Umbelino
Departamento de Antropologia,
Faculdade de Ciências e Tecnologia,
Universidade de Coimbra

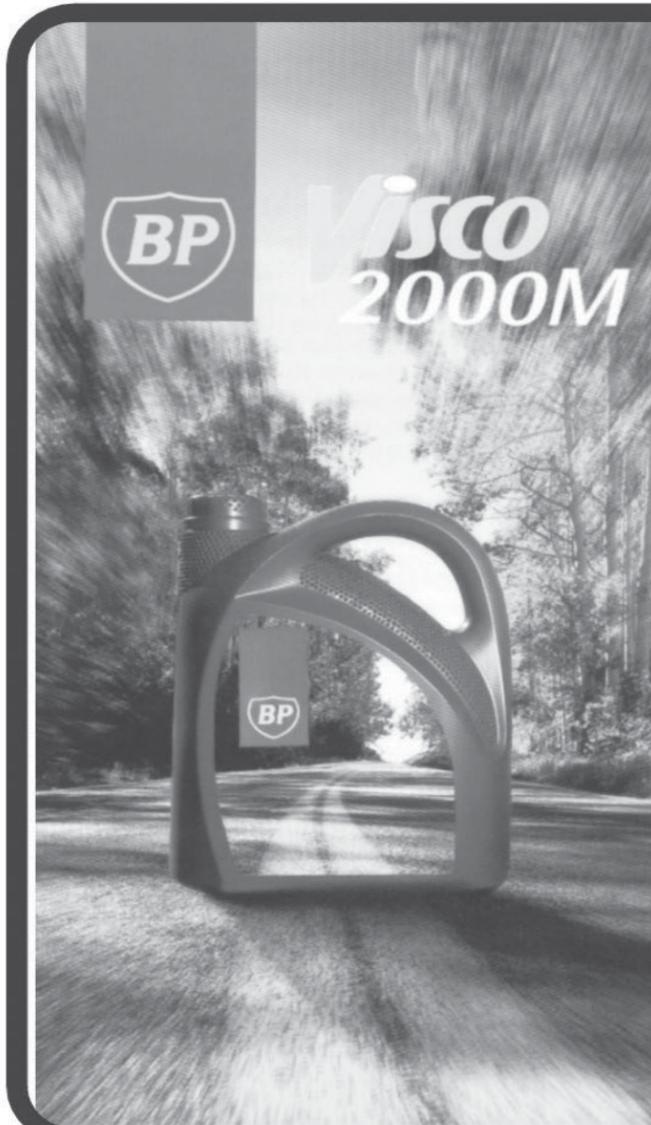


Caixa de Correio

NET

Dou-vos os meus parabéns pelo Jornal. Já o conhecia daí, mas não sabia que estava na NET, o que é muito bom. Seria porreiro que o vosso Jornal fosse mais periódico, tipo quinzenal. Aposto que todos os nossos compatriotas *fuseiros* de origem, e não só, iriam apreciar ter a sua Ribeira Grande mais perto de si. Mais uma vez parabéns pelo Jornal.

Hélder Moniz, Ribeira Seca, de momento em Timor Leste, em Missão.



Óleos

20% Desconto
e ainda
oferta da mudança de óleo

Nos seguinte produtos:

VISCO 2000
VISCO 3000
VISCO 7000



Melo & Melo
Deseja a todos os estimados
clientes e amigos um Feliz Natal e
um Ano Novo muito Próspero

Promoções

Continental
LIGEIRO S



Pneus

P a g u e 3 l e v e 4
e ainda oferta da montagem e calibragem
para ligeiros com jantes 13 e 14 (válido até ruptura do stock)



MELO & MELO, LDA - Centro de Pneus
Todas as marcas de Pneus novos e recauchutados

ESTAÇÃO DE SERVIÇO *SELF - SERVE - LAVAGEM AUTOMÁTICA



Estrada Regional da Ribeira Grande - Telef. 296.472460 - Fax. 296.477400